

Personalização e dinâmica relacional (Comentário "Filosofia de Vida" de Carl Rogers)

Pierre Tap e Nathalie Oubrayrie -Roussel

Nota Preliminar : Defesa e ilustração de personalização (Pierre Tap)

Pareceu-me necessário acrescentar um prefácio a este trabalho que é uma "Defesa e Ilustração da Personalização". Este é o título do meu recente grito do coração publicado no LinkedIn em 8 de Janeiro de 2021 (em 8 línguas). Tinha de facto notado que o termo "personalização" definido em todas as línguas (mesmo em francês) não correspondia em nada à forma como o definimos em psicologia, em Toulouse em particular. Por isso, tive de fazer ouvir o meu grito do coração pelo maior número de línguas possível. Não sendo realmente poliglota, eu confiava no software de tradução!

Por enquanto, recordemos que para os autores deste livro, a personalização deve ser confundida com "**desenvolvimento e realização da pessoa**" e que não deve ser confundida com "customização" ou, mais ainda, com "personalização em massa"!

Aqui está o texto tal como foi publicado nesse dia:

"Recebi uma mensagem de Amandine Rochedy, doutora em Sociologia na Universidade Jean Jaurès em Toulouse, que me disse: "Estou a trabalhar em práticas alimentares em populações específicas: autismo, prader-willi. Lido com o fenómeno da personalização para falar sobre a construção do repertório alimentar da infância à adolescência e desejo mobilizar a vossa investigação. Seria possível dizer-me em que papel vou encontrar uma referência a esta dimensão. Seleccionei vários dos vossos documentos, mas a vossa opinião seria importante para mim. Agradecemos desde já a sua resposta.

Compreendi imediatamente que este pedido ia forçar-me a reagir sobre a "personalização" através de uma acção "pública": para mostrar a diferença entre a concepção de Toulouse de personalização e a que a Wikipédia evoca sob este termo!

Eis como a Wikipédia define este termo: "**A personalização** pode ser uma acção material (modificação envolvendo actividade física sobre o objecto) ou um fenómeno **psicológico**, quase antropológico de identificação de um artefacto com uma forma humana, uma pessoa, uma função social. Na linguagem corrente moderna, a personalização é a apropriação de um meio electrónico ou escrito ou produto de consumo com base em dados pessoais fornecidos por um utilizador, ou pela vontade do próprio utilizador".

Emmanuel Mounier e Paul Ricoeur (cristãos), Ignace Meyerson, Henri Wallon, Philippe Malrieu, (não crentes), filósofos, psicólogos, e muitos outros, têm de se

virar nas suas sepulturas, confrontados com tal definição. Paul Racamier, tinha-nos avisado quando, em 1965, lhe falámos em nomear o nosso laboratório "**Personalização e Mudança Social**". Tinha acabado de publicar um artigo sobre "Personnation", um termo que lhe pareceu mais apropriado para definir "**o desenvolvimento da pessoa**". Mas hoje o termo "personnation" também não aparece!

Contudo, mantivemos o termo "Personalização", depois e com Philippe Malrieu, de acordo com as concepções anteriormente desenvolvidas por Henri Wallon e Ignace Meyerson. É verdade que em 1964 (noutro contexto) tinha participado numa homenagem a Emmanuel Mounier "Présence de Mounier", propondo um capítulo intitulado "Pour une psychologie personnaliste" (1964, 1968).

Pela primeira vez mencionei "personalização", citando Mounier: "Personalização é afirmação, comunicação, adesão. O sujeito não está encerrado numa subjectividade passiva, ele acolhe tanto o tempo como o espaço... num impulso em direcção ao futuro". O psicólogo, com uma atitude de acolhimento, deve ser capaz de compreender este processo dinâmico. Mas a psicologia deve compreender o desenvolvimento da pessoa sem negligenciar a complexidade das situações reais, tal como experimentada pela pessoa. "A pessoa é um só, é um acto global, pelo que a sua compreensão só pode surgir, no observador, a partir de um acto global do mesmo nível. O esforço de personalização é um esforço para harmonizar as partes deslocadas da psique "em torno de um centro e de um itinerário". A pessoa é assim também um acto orientado, é necessário agarrá-la na sua duração. Este foi o significado do meu compromisso em psicologia: centrar-me na pessoa real na sua própria dinâmica, mas nas suas relações e acções sociais.

Em 1973, foi publicado o livro em homenagem a Ignace Meyerson "Problemas da Pessoa" (ed. Mouton).

Mais tarde, a articulação das ligações entre a dinâmica da pessoa e as "mudanças sociais" foi o objectivo declarado para a criação do Laboratório como URA 259 CNRS (que co-direi com Jacques Curie entre 1978 e 1991).

Entre 1967 e 1981, inscrito numa tese de Estado com René Zazzo (Nanterre) participei no trabalho do seu Laboratório sobre Identidade, e pude seguir os ensinamentos de Paul Ricoeur sobre o mesmo tema ou outros associados.

Em 1983, a Ricoeur publicou "**Meurt le personnalisme, revient la personne**" (Cinquentenário da revista **Esprit**). Nele ele propôs a noção de "pessoa-atitude", especificou a importância do conflito e da crise, da identidade e da alteridade, do compromisso: "Não tenho outra solução senão identificar-me com uma causa que me ultrapassa"; "em convicção arrisco e submeto-me", "a acção humana é concebida apenas como interacção".

Em 1987, o Laboratório PCS (Toulouse Personnalisation et changements sociaux, URA CNRS 259) e o Laboratório de Psicologia Cognitiva (Aix, CREPCO URA CNRS) organizaram, sob a égide do CNRS, um colóquio "Psychisme et Histoire"

(publicado em 1987 na Revue TIP volume VIII, 1-4), com um discurso de abertura de Jean-Pierre Vernant, em homenagem a Ignace Meyerson. Ele cita-o: "Não se cessa", escreve, como em conclusão do colóquio sobre a Pessoa, "fazer e desfazer-se" (p.11). Ele também disse: "Desejei o imprevisível por aversão ao princípio da identidade". Pela minha parte, tinha proposto "História individual e individualismo na história" (pp.221-231) como uma forma de evocar a emergência da pessoa na história, e também a relação entre personalização e regulamentos institucionais. "Personalizar-se é construir um objectivo temporal para si próprio e/ou para os outros, desenhar um plano de vida, pôr em marcha um sistema de projectos. *A personalização definida como uma tentativa de harmonizar os comportamentos através de um projecto de vida não é portanto separável da socialização* (p. 225).

Isto explica porque é que o nosso Laboratório trabalhou durante este período na teoria da "interestruturação do sujeito e das instituições" proposta por Malrieu (1987), da identidade pessoal à interconstrução psico-social (conferência introdutória sobre identidade e psico-social, Aix, 1988). Publicámos também vários trabalhos sobre socialização (incluindo dois na PUF 1991 e 1993).

Hoje, dizem-nos que em 1987, Stan Devis chamou "personalização" ao processo pelo qual as empresas oferecem aos clientes uma grande variedade de variações do seu produto para que **cada cliente possa "personalizar" esse produto, ao ponto de se tornar o seu próprio e "único"**. Desta forma, os objectos que são "meus" confundem-se com o que sou como pessoa. A personalização consistiria em ter a minha marca nestes objectos para que deixem de ser "padrão" e passem a estar de acordo com as minhas "preferências" e "desejos". Desta forma passamos da personalização de mim próprio à personalização dos objectos que compro como cliente, a "personalizá-los" para que confirmem a minha identidade, através das "marcas" nos meus bens.

Foi então proposto que este processo fosse chamado de "personalização *em massa*". Diz-se que os clientes estão a exigir estes procedimentos industriais e comerciais. (*La personnalisation de masse*, François Abada 2014 L'Harmattan)

Parece que o antónimo (o oposto) da personalização em massa é a "despersonalização" proposta pela psicologia "comportamental" ! Mas no caso de despersonalização a pessoa está "sozinha" com a sua doença e os seus "prestadores de cuidados". Ele não é "massa". Felizmente, os autores não falam de "despersonalização em massa"! A história está lá, infelizmente, para nos lembrar da sua existência.

De facto, o antónimo de despersonalização é de facto a personalização tal como a definimos: personalizando o desenvolvimento da pessoa individual!

Poderíamos também discutir o "comportamento de alvo" ou "fetichismo de mercadoria (Marx)" que a personalização implica. Também ouvimos falar da "hiper-personalização" fortemente utilizada por "marcas" para "sobressair".

Deveríamos de facto falar de "branding", seria uma mudança de "mascaramento"! Isso levar-nos-ia, de um dia para o outro, a tatuagens ... Chegamos à pele (que não pode ser comprada!) ... Questões muito importantes, claro! Assim, não devemos deixar cair a personalização em massa, mas ver como a personalização e "minha", as minhas propriedades (incluindo o meu corpo) estão articuladas entre elas. A partir dos 3 anos de idade, a criança aprende o "cabe a mim" que já lhe permite afirmar o seu "eu"!

Em qualquer caso "os problemas da pessoa" (para usar o título do colóquio proposto por Ignace Meyerson) estão sempre lá! Temos de estudar a pessoa, incluindo certamente como cliente! Foi o que já fiz numa conferência no GEPSO (Groupe National des Etablissements et Services Publics Sociaux), Annecy-le-Vieux, "Dynamique institutionnelle et stratégies identitaires de l'**usager du social**" (publicado em estudos hospitalares, Bordeaux, 2008), ou como é que a pessoa sobrevive na sua identidade como cliente! Mas voltemos ao desenvolvimento da pessoa!

Pierre Tap

Prefácio

Personalização e dinâmica relacional (Comentário "Filosofia de Vida" de Carl Rogers)

Pierre Tap e Nathalie Oubrayrie -Roussel 0

Introdução

Numa entrevista¹, Rogers disse que estava "consternado" por as pessoas se referirem ao seu trabalho como uma técnica. "Não é uma técnica, mas uma concepção filosófica da vida, uma forma de ser". A dinâmica rogeriana não se reduz, portanto, a receitas, a procedimentos, no âmbito de uma interacção terapêutica dupla ou de grupo. Mas Rogers também tem sido criticado pelo carácter "angelical" da sua filosofia de vida. Baseia-se na hipótese da positividade da natureza profunda do homem (cf. Rousseau, 1762). É a sociedade, através das suas pressões e modos de controlo, que a perverte. Para Rogers, este fundo da "natureza animal do homem" não se limita às emoções primárias. Segundo ele², o centro da personalidade (...) é naturalmente positivo, é fundamentalmente socializado, orientado para o futuro, racional e realista". Referindo-se a Maslow (1954), assinala que "as emoções anti-sociais, tais como hostilidade, ciúmes, etc., são o resultado de uma frustração de instintos mais fundamentais, amor, segurança e pertença que são desejáveis em si mesmos" (op.cit.). As teorias associadas à filosofia Rogeriana introduzem necessariamente um fermento que é ao mesmo tempo inovador e contestador nas práticas pedagógicas, terapêuticas, e mais amplamente sociais. Podem, portanto, ser vistos como libertadores ou utópicos e ilusórios ou perigosos, dependendo de quem os julga.

Gostaríamos de evocar aqui, para além de polémicas estereis, o carácter muito actual das concepções e práticas rogerianas à luz do trabalho da psicologia (social, de desenvolvimento, saúde, etc.) na medida em que este trabalho está centrado na dinâmica pessoal e nas relações interpessoais.

Naturalmente, articular uma filosofia de vida com concepções e práticas científicas, pedagógicas ou terapêuticas implica o estabelecimento de uma metapsicologia, um sistema de valores que serve de referência e que pode ser discutido em relação a culturas, ideologias ou sistemas de crenças, possivelmente opostos ou concorrentes.

As concepções rogerianas baseiam-se fundamentalmente na importância dos sistemas de representação e na sua ligação com processos emocionais (internos

¹ *Journal des Psychologues*, No. 23, 1984

² 1969,74

0 Pierre Tap Professor Emérito & Nathalie Oubrayrie-Roussel Professor Principal HDR, ambos da Universidade de Toulouse 2 Jean Jaurès.

ou expressivos). Enfatizam a centralização em si próprio (representação, avaliação, etc.), nos outros (representação do outro) e na relação entre o outro (individual e colectivo) e a si próprio.

Hoje, podemos fazer a diferença, nestas interações, entre

- *O evento* : primado do contexto para si próprio ou para o outro, introduzindo a *dinâmica situacional* ;
- *A experiência*: primazia do itinerário pessoal ou interpessoal favorecendo a capacidade de tirar partido da *experiência*. A experiencial implica a primazia dos processos, a experiencial a primazia dos procedimentos;
- *Existencial*: assume a primazia do significado e dos valores;
- Finalmente, o *potencial* implica a primazia das reservas, potenciais competências que o sujeito pode *actualizar*. Estas "reservas" podem ou não, de acordo com os autores, ser assimiladas a *disposições* inatas ou adquiridas.

Como podemos ver, a noção de "terapia centrada na pessoa" deve introduzir uma reflexão sobre a noção de "centração" e a de "pessoa".

* *O egocentrismo* introduz a questão do carácter possivelmente egocêntrico (cognitivo), narcisista e egoísta (afectivo) dos comportamentos e atitudes³. Por conseguinte, é importante analisar como a pessoa pode aprender a gerir as necessidades de *decência* (cognitiva) e *distância emocional* (*a partir das suas* próprias emoções e sentimentos). Para me "centrar no outro" tenho de me "descentralizar"? Quais são então as características e os limites de tal dignificação?

* No que diz respeito à *centralização no outro* (*ou outros*), é importante introduzir diferenças e ligações entre

- *A relação interpessoal*, ou duas (diádicas) ou muitas;
- *A relação de grupo* que envolve o estabelecimento de um "nós" que vai além das relações entre as pessoas;
- *A relação institucional* que envolve o estabelecimento de sistemas de regras e poderes.

Estes três tipos de relações fomentam múltiplos processos de comunicação, influência, envolvimento, pressão, ajuda e apoio, solidariedade ou divisão, dependências e identificações, etc.

A pessoa é simultaneamente um *socius* (membro de uma sociedade complexa) e um *alter-ego*⁴ (um interlocutor privilegiado com outro que é um pouco como eu, mas de quem eu sou diferente, sendo os outros os nossos "semelhantes", e não idênticos, mesmo que partilhemos "identidades" com eles).

³ O egocentrismo implica a incapacidade intelectual de articular o próprio ponto de vista e o ponto de vista dos outros; o narcisismo implica considerar o próprio corpo ou o eu como um objecto de atenção e amor, o egoísmo implica o inchaço do eu (sentir-se como o centro do mundo e afirmar-se como tal sob o olhar dos outros).

⁴ Wallon, H., 1956

* O *enfoque sobre a relação* levanta questões sobre o meio, os processos de influência, comportamento cooperativo ou conflito, apego e desinteresse, envolvimento ou desinteresse, pressões internas e externas, a gestão de situações e projectos, a necessária adaptação colectiva a situações difíceis, fusões e empoderamento, marginalização e integração.

A análise desta tripla centralização leva a um alargamento da noção de *centralização na pessoa*, na medida em que a *pessoa* é ao mesmo tempo a *outra*, o *eu* e a *relação eu/outro*, numa *situação* específica (pessoal), *ambiente* (espacial-temporal), *ambiente* (relações interpessoais, grupos e redes) e *enquadramento* (instituições e culturas).

Capítulo 1

A pessoa, uma ou múltiplas? Sobre a congruência

O objectivo do cientista é construir modelos teóricos, constituídos pela articulação de múltiplos conceitos, e pôr estes modelos à prova de observações e experiências. Enquanto Rogers critica modelos que são demasiado "objectivadores" (tanto comportamentais como psicanalíticos), ele tem procurado constantemente elucidar a natureza dos processos intra e interpessoais envolvidos no comportamento quotidiano. Propõe conceitos articulados num modelo e esforça-se constantemente por verificar a sua modelação em práticas interactivas (diádicas ou grupais, pedagógicas, terapêuticas ou familiares, etc.). Como veremos, um dos temas essenciais das suas concepções diz respeito à dificuldade da pessoa em escapar a divisões internas, impedindo-a de enfrentar prazos diários ou de dar sentido à sua vida. A questão da unidade psíquica é de facto uma grande questão filosófica. Todas as filosofias, desde a antiguidade, têm girado em torno do "ser". Quando não evocam a identidade absoluta e a coerência (Deus, o Ser Absoluto) perguntam se o ser é Um (Parmenides) ou Múltiplo (Demócrito). Esta é uma questão de grande actualidade. Num artigo recente, F. de Singly evoca a questão da coerência do eu: "*o eu total ou fragmentado?* ». Ele faz falar um herói do romance que declara: "*Deixemo-nos satisfazer com fragmentos (...). Se isso for possível, se não tentarmos formar tudo, então parece-me que posso viver... bastante bem*" e o autor conclui: "*Desencantado, já não tem a coragem de empreender este trabalho de unificação da identidade onde o eu estatutário reforça o eu íntimo*"⁵.

Congruência interna e auto-consciencialização

No entanto, um dos conceitos centrais do modelo rogeriano é a *congruência*, que caracteriza fundamentalmente este trabalho de unificação. Segundo ele, a congruência implica uma "correspondência ⁶exacta entre a experiência e a consciência 'emocional' e interactiva (...)". O momento crucial é um momento de

⁵ De Singly, F. (1996) La fabrique familiale de soi in *Sciences Humaines*, edição especial *Identidade, Identidades: o indivíduo, o grupo, a sociedade*, 15, 18-21

⁶ Ênfase acrescentada.

*integração em*⁷ que a comunicação entre as diferentes 'casas' internas já não é necessária, porque *se tornaram uma só*"⁸(Rogers, 1968, 108).

Antes de discutir a actualidade deste conceito na investigação psicológica, façamos algumas observações sobre o uso histórico do termo "congruência". Foi utilizado pela primeira vez pelos atomistas gregos para designar o entrelaçamento de átomos. Segundo Demócrito, a natureza é composta por átomos cujos movimentos são controlados mecanicamente. Simplicius evoca o facto de os átomos poderem ou permanecer isolados ou "entrelaçar-se uns com os outros de acordo com a *congruência das suas figuras*; tamanhos, posições e ordens, permanecerem juntos e assim perceberem a *vinda a ser dos corpos compostos*". A palavra congruência está também associada com a noção de *simetria*. A congruência teria lugar através da intervenção de mecanismos de ajustamento simétricos.

Acabámos de ver que Rogers usa o termo "correspondência exacta" para definir a congruência. A correspondência é um dos importantes processos materiais ou simbólicos no esforço de articular os diferentes campos de um sistema. Por conseguinte, pode também aplicar-se à personalidade, entendida como um sistema complexo. Seria o produto funcional da constante procura de coerência interna e unificação empreendida pela pessoa. Estes esforços implicariam um confronto entre comportamentos, sentimentos e representações, um esforço para coordenar e dar prioridade aos processos afectivos, cognitivos e conotativos⁹. Estes diferentes processos facilitariam a auto-aceitação através da "consciência subjectiva" e da reflexão da experiência imediata. Quando "uma experiência se torna plenamente consciente e plenamente aceite, pode ser tratada eficazmente como em qualquer outra situação real" (op.cit. 110). Torna-se portanto necessária uma discussão sobre esta centralização da pessoa sobre si própria.

Contudo, Rogers enfatiza especialmente a importância da concordância entre auto-consciencialização, auto-avaliação e a dinâmica emocional que guia a forma

⁷ idem

⁸ Ênfase acrescentada. Deve também notar-se que Rogers utiliza a noção de "*comunicação*" entre lares internos. Estas casas funcionariam como "personagens interiores" (cf. Janet, 1929) interagindo, esfregando ombros sem se comunicarem ou ignorando-se mutuamente. Podemos associar esta hipótese com a noção de "grupos internos" em Kaës (1991). O próprio Freud utilizava por vezes metáforas interactivas para analisar a relação entre instâncias psíquicas (que, eu, superego, ideal do eu).

⁹ Emocional inclui emoções e sentimentos. Está intimamente associado à imaginação e à gestão de valores (efeitos normativos) em relação a si próprio ou aos outros. Cognitivo inclui todas as actividades mentais de gestão da informação, raciocínio, pensamento e resolução de problemas. A iniciativa diz finalmente respeito às motivações, tendências para agir e todos os aspectos associados à organização de actividades.

como o sujeito se expressa, possivelmente sem o seu conhecimento. Ele sublinha a importância da auto-consciencialização ao ponto de a considerar como o centro da personalidade. Segundo ele, o eu deve ser limitado "aos aspectos do indivíduo e às relações com os outros e com o mundo que estão disponíveis para a consciência" (citado por Corraze, 1995). Baseia o seu argumento para tal não só na psicoterapia centrada na pessoa, mas também nos resultados dos testes de auto-avaliação subjectiva. Segundo ele, é o acordo entre o eu actual e o eu ideal que define a auto-estima. Ele afirma que a proximidade entre as duas medidas é tanto mais forte quanto mais equilibrada for a pessoa. Mas é difícil admitir que a auto-consciencialização se identifica com a realidade da pessoa. Os teóricos da autoconsciência têm chamado Insight à relação entre a auto-imagem do sujeito e a realidade do eu. O discernimento corresponderia à lucidez ou congruência de Rogers. Refere-se à distância entre o que acredito querer e o que normalmente quero, entre um ideal normativo colectivo (desejo social e cultural) e um ideal de eu próprio para mim.

A auto-consciencialização não é ingénua. Está naturalmente associado ao campo da consciência (associado à experiência vivida actualmente, e susceptível de desencadear "realizações"). Mas esta é a dimensão sincrónica da consciência. A dimensão diacrónica está ligada à viagem, ao itinerário da pessoa que constrói, orienta, transforma ou relança a sua personalidade através de acontecimentos e memórias ligadas ao passado, bem como a perspectivas de um tempo que terá de ser preenchido.

Por outro lado, contudo, a auto-consciencialização não é independente do condicionamento social e das influências culturais das quais toma emprestado valores e referências de vida para os tornar seus. Não é construído apenas a partir de correspondências unificadoras. Por exemplo, Jaspers (1950) referiu-se à existência de quatro características de auto-consciencialização: unidade, oposição ao mundo exterior, identidade e actividade. Estes aspectos foram construídos pelas interacções e transacções entre o sujeito e os seus vários ambientes (de pertença ou de referência).

Uma perturbação na consciência, representação e/ou auto-imagem tem consequências importantes na *personalização* (o desenvolvimento da pessoa ao longo da sua vida).

Dissonância e alexitímia

Em qualquer caso, Rogers mostrou como o esforço de combinar sentimentos, actos e pensamentos foi benéfico na dinâmica terapêutica ou na superação das dificuldades diárias, fora da terapia.

Nestas situações, são obviamente os efeitos negativos da não-congruência que devem ser deixados. O sujeito pode manifestar sentimentos muito fortes (percebidos por outros) sem estar consciente desta expressão e, portanto, sem ser capaz de comunicar realmente com os outros. Por exemplo, um homem zangado pode sinceramente acreditar que está a apontar os factos e não a sentir emoções

agressivas. Haveria não-congruência devido à separação entre a experiência emocional manifestada (organizacional) e a consciência do sujeito da mesma.

A não-congruência poderia ser comparada a dois outros conceitos importantes e frequentemente mencionados: dissonância e alexitimia.

- A *dissonância*, na sua versão *cognitiva*¹⁰, implica a existência de uma discrepância, de uma não correspondência entre pensamentos ou avaliações opostas, ou entre pensamentos e palavras. Também se pode evocar a existência de uma *dissonância afectiva*¹¹, caracterizada pela difícil coordenação entre afectos ou sentimentos contraditórios. A não-congruência seria de certa forma a conjunção destas múltiplas dissonâncias. Quaisquer que sejam os modelos utilizados para explicar estes processos (cognitivos, psicanalíticos ou outros), é preciso fazer a diferença entre consciente, não consciente e inconsciente, na forma como o sujeito vive as suas *divisões internas*, e que nem sempre percebe as ligações com o seu sofrimento psíquico ou físico, e as suas dificuldades de auto-aceitação ou adaptação.

- O termo *alexitimia* foi proposto por Sifneos (1973)¹² para definir uma doença psicossomática caracterizada pela dificuldade em assumir e expressar as suas próprias emoções¹³. Caracteriza-se também por uma ausência marcante de conteúdo de pensamento, fantasias, enquanto que o sujeito está, por outro lado, inclinado a detalhar constantemente factos, acontecimentos ou perturbações físicas (cf. o conceito de "pensamento operativo" proposto por Marty e de M'uzan em 1963 para caracterizar este défice). Estes temas raramente sonham. A expressão das suas emoções, sentimentos ou afectos é frequentemente inadequada. Utilizam a acção para resolver ou fugir de conflitos, e frequentemente de forma impulsiva, febril e irritada. Queixam-se frequentemente de sentimentos de vazio e aborrecimento. Nas relações com os outros, são ambos dependentes e narcisistas ou solitários.

Estas últimas observações permitem supor a articulação entre a não congruência interna e as dificuldades relacionais e sociais mais amplas. Os conflitos psíquicos

¹⁰ Ver Festinger (1950)

¹¹ cf. de Vos (1980) "A dissonância afectiva precede a dissonância cognitiva". É o conflito entre as emoções discordantes que requer resolução no pensamento consciente. Se não houver conflito a nível afectivo, o indivíduo pode facilmente tolerar a confusão de conceitos ou inconsistências cognitivas. Mas os indivíduos não podem tolerar emoções conflituosas sem recorrer a mecanismos de defesa (op. cit., p. 32).

¹² Trabalho desenvolvido por Nemiah J.C., retomado por Taylor, G.J. (1984,1990) e apresentado e continuado em França por Pedinielli, J.L. (1992), do qual nos inspiramos aqui.

¹³ Alexithymia = não (a) ser capaz de "ler" (lexi) as suas próprias emoções (timia)

reflectem-se tanto na forma como o corpo é gerido como na forma como se comporta para com os outros, ou sob o seu olhar.

A congruência externa como um mapeamento entre si e os outros

Sabemos como são difíceis, exigentes, por vezes conflituosas, e especialmente humilhantes as relações íntimas (amor, amizade, simpatia, co-gestão de uma vida comum). Mas são ao mesmo tempo ou sucessivamente apaixonados, entusiasmantes, especialmente gratificantes. A correspondência nas relações com os outros não é simétrica nem idêntica. Como Levinas correctamente mostra, face a face não é co-presença mas proximidade; e esta proximidade não é do tipo do igual ao igual, é assimetria ou mais precisamente primazia do eu ou do outro. Assume um duplo carácter: o outro pode ser percebido e vivido como algo, vulnerável, exigente e suplicante, mas também percebido e vivido na sua altura inacessível e irreduzível.

A noção de alteridade é co-origenatória com a noção de narcisismo. Mesmo quando falamos da capacidade precoce das crianças para dar, podemos assumir que o altruísmo baseado na reciprocidade só pode ser uma obra nos limites, entre a afirmação devastadora do eu e o sentimento de alienação ao desejo ou exigência do outro.

A relação com os outros não se basearia na generosidade, iniciativa ou identificação. Mas faria antes de mais parte de uma "provocação" no sentido etimológico de avançar, pôr em movimento, solicitar ou forçar a expressão "ser". Em nome dos valores associados às práticas relacionais, Rogers desafia tais argumentos e bane uma relação assimétrica¹⁴ baseada na interpretação. Ele valoriza, contudo, a *compreensão* e *intuição* associadas ao *olhar* (olho), e a *confiança* e *abertura* associadas à *escuta* (ouvido).

Mas a própria noção de unificação levanta a questão de como se relaciona com a gestão de conflitos, divisão e duplicação. Se existe uma necessidade de unificação, é porque o sujeito vive em contradições. Agora, "a contradição e ambiguidade são, no decurso da experiência, o sinal vivo da existência pessoal"¹⁵. Mas o mesmo autor declara noutra lugar: "a unificação progressiva de todos os meus actos, e através deles das minhas personagens ou dos meus estados é o acto da pessoa" (ibid.).¹⁶

¹⁴ Em muitas obras contemporâneas, nota-se a assimilação discutível entre "assimétrico" e hierárquico, entre "simétrico" e "igualitário".

¹⁵ Mounier, E. (1946a, em 1961, II), p. 69.

¹⁶ Mounier, E. (1936 em 1961, I), p.528.

Capítulo 2

Intuição Visionária: o olhar

Rogers é agora reivindicado por alguns cognitivistas na medida em que atribui grande importância aos mecanismos de gestão da informação na relação que o sujeito estabelece consigo próprio, através das suas próprias actividades mentais (consciência, compreensão egocêntrica, auto-avaliação) e nos processos de pensamento associados à comunicação e interacção com os outros (manifestação de intenções, avaliações intuitivas dos outros, consideração positiva dos outros). Descartes associou a alma ao olhar¹⁷. Rogers, por seu lado, utiliza a metáfora do *olhar na análise dos processos intersubjectivos*¹⁸. É esta metáfora que guia os conceitos de *clarividência, transparência, intuição e empatia*.

A clarividência

A clarividência implica a capacidade cognitiva de *perceber*, de ler directamente, o que não é audível ou visível, o que está escondido em si mesmo ou nos outros, por detrás do ruído ou das aparências. Mas esta posição seria *voyeurística* se eu próprio permanecesse escondido enquanto "lia" o outro tanto quando ele se expressa como quando se protege a si próprio.

Transparência

A fim de evitar esta situação assimétrica, os protagonistas deveriam esforçar-se por aguçar a sua clarividência mútua e, para o conseguir, desenvolver *a transparência, ou seja*, ser vistos, percebidos, compreendidos em termos do que cada pessoa seria não envernizado, desmascarado, indefeso, no seu verdadeiro (?), profundo (?), real (?) ser. Na concepção de uma transparência "expressiva", Rogers assume que a congruência de um é percebida e apreciada pelo outro na interacção. Mas a expressão (chamada espontânea) pode tornar-se uma exposição percebida perigosa para o eu, ou para o outro vulnerável. Há sempre um perigo nas "manipulações" de grupo para empurrar o outro para se libertar das suas próprias defesas. A coerência e o controlo interno são, tal como a *coluna*

¹⁷ Tap, P. (1997) sobre a espacialização do médium através do olhar em Descartes.

¹⁸ Tap, P. (1986) Personalization and Intersubjectivity, Special Issue *Intersubjectivity, Connections*, 47, 149

vertebral, o que permite que o sujeito se estruture como tal. Mas na ausência de coerência interna, uma *concha é* melhor do que a ausência de defesas. Defender-se pode ser autêntico, embora não transparente: "circule, não há nada para ver"*!
».

Intuição

A intuição também é a linguagem da visão (intuitio = olhar, intueri = olhar). Tal como a clarividência, é uma capacidade de *ver através do* que está escondido (Mouloud, 1995). "Etimologicamente, *os termos Intueor, Intuitus referem-se ao* acto e atenção de olhar. Num sentido lato, a intuição é um ataque directo ao objecto na sua fatuidade. O termo intuição assumiu a herança da noção grega do noesis: um simples acto de pensamento que não se dispersa nos momentos perceptivos" (op.cit.). A intuição está apta a designar qualquer forma de compreensão imediata e diz respeito a todos os níveis de conhecimento. Pode ser *antecipativo e penetrante*. Compreendemos empaticamente o significado da conduta dos outros sem termos de concluir esta "compreensão" com inferências análogas. A intuição vai para o essencial e facilita a passagem do fenómeno para o ser das coisas. A intuição pode portanto ser assimilada quer a um conhecimento fundador, antes do raciocínio, quer a um conhecimento unificador, sintetizando a realidade assim capturada.

A intervenção da clarividência, transparência e intuição na relação entre pessoas promoveria uma verdadeira comunicação "intersubjectiva" (relação igualitária com respeito recíproco, entre *sujeitos que não estão sujeitos à lei*). *Será isto uma ilusão, uma utopia, ou uma realidade profunda?*

Capítulo 3

Intuição empática

Empatia e sociometria

A empatia, associada à clarividência e à intuição, implica a capacidade de "colocar-se no lugar de": este seria um processo particular de identificação" (Rogers, 1968, p.49) que não seria emocionalmente fusional, nem estaria associado à reciprocidade baseada no contrato ou na decência. A fim de melhor esclarecer a sua natureza, é interessante mostrar como as concepções rogerianas encontram um grande eco na investigação sobre sociometria, baseada no trabalho inicial de Moreno (1934). A empatia está associada ao *grau de acuidade perceptiva da* pessoa na avaliação das relações sócio-emocionais dentro de um grupo. As técnicas sociométricas tentam analisar e medir a forma como os indivíduos percebem a sua própria situação no grupo de que são membros¹⁹. São convidados a auto-avaliar as suas afinidades relacionais ou rejeições (*selecção de pessoas: escolha e rejeição*), a avaliar por quem assumem ser escolhidos e rejeitados (expectativas, atitudes perceptivas: "quem me escolheu, rejeitou-me?"). "Esta área de *percepção selectiva* é uma área particular do problema geral de empatia, ou seja, a sensibilidade às atitudes dos outros e a penetração dos seus sentimentos" com respeito ao assunto ("sentimentos positivos, negativos ou neutros que os outros possam ter sobre mim") (Maisonneuve, 1995). Neste contexto, podem ser obtidos três tipos de medidas²⁰:

- 1. O confronto de *atitudes perceptivas* (ou seja, as expectativas do sujeito com as atitudes reais dos outros em relação a ele). O sujeito "avaliou", mais ou menos bem, quem o escolheu ou rejeitou: *grau de clarividência* ;
- 2. Confrontando as *atitudes selectivas do* sujeito com as atitudes perceptivas (expectativas) dos outros. Estes últimos têm mais ou menos percebido bem as escolhas e rejeições formuladas pelo sujeito: *grau de transparência* ;
- 3. O confronto de atitudes perceptivas e selectivas ao nível do próprio sujeito. Existe uma correspondência entre as escolhas feitas e as escolhas supostamente recebidas: *grau de congruência* (aqui devemos dizer "congruência externa").

A referência à sociometria permite-nos mostrar que o que é importante nos processos evocados (congruência, clarividência, transparência, intuição e

¹⁹ Naturalmente, as técnicas sociométricas só se aplicam a pessoas que se conhecem bem dentro de um grupo.

²⁰ Trilogia emprestada da Maisonneuve (1995).

empatia) diz respeito à *capacidade de avaliar, de forma cognitiva, processos que são de natureza diferente (emoções, sentimentos, afinidades ou oposições, amizade-amor, mas também rejeições e ódios)*. Contudo, as propostas de Rogers tendem a concordar com a hipótese segundo a qual a capacidade do sujeito para avaliar as suas próprias emoções numa interacção empática com outra pessoa (terapeuta ou não) tende a transformar a forma como ele irá lidar com essas mesmas emoções (positivas ou negativas).

Mas a sociometria também nos permite levantar duas questões essenciais:

1. Existem diferenças significativas na capacidade das pessoas de se situarem em termos de clarividência-transparência-congruência nos testes sociométricos. É obviamente essencial compreender como ocorrem "erros": mal-entendidos, falta de discernimento, prudência, necessidade de segurança ou gratificação. A análise destes erros em situações reais do quotidiano permite à pessoa compreender melhor a origem das suas ilusões sócio-perceptivas. É verdade que certas ilusões (sobre os sentimentos e atitudes dos outros em particular, mas também sobre as capacidades ou sentimentos pessoais a serem engajados, etc.) podem ser vitais para as pessoas se estiverem associadas a sentimentos, crenças ou valores centrais significativos.

2. As selecções e percepções sociométricas são apenas representações comprometidas. A questão essencial, há muito tempo objecto de investigação em psicologia ou psicologia social (da criança, adolescente ou adulto) é a seguinte: Como são organizadas as afinidades ou como surgem os comportamentos "repulsivos"? As afinidades baseiam-se em semelhanças²¹ (por exemplo, homofilia = amar aqueles que se assemelham a si), em complementaridades ou em igualdades ou hierarquias, ou em especificidades (alteridade percebida ou inconsciente: por exemplo, amar pessoas que são diferentes de si mesmas porque não se pode ser "confundido" com elas)? Parece ser um facto que as semelhanças respondem a uma preocupação de segurança do eu, enquanto que a alteridade e a complementaridade responderiam a uma necessidade de realização. As duas teses não são exclusivas.

Empatia e intersubjectividade ²²

Na concepção existencial, o solipsismo só pode ser superado numa relação sujeito a sujeito, na experiência imediata da intersubjectividade, da reciprocidade das consciências. O olhar do outro também desempenha aí um papel motor. Mas, segundo Sartre, por exemplo, o outro é, originalmente, aquele que olha para mim

²¹ A questão é importante, tanto mais que o termo "afinidade" para as relações entre pessoas é historicamente a extensão de um termo químico (ou melhor, alquímico, *affinitas*, XIII° S) que caracteriza a propriedade de dois corpos de se unirem um ao outro através das suas partículas semelhantes.

²² As observações que se seguem neste parágrafo baseiam-se ou inspiram-se na *Personalização e Intersubjectividade* (Tap, P. 1986).

e que me afasta e me congela nesse olhar. A minha queda original é a existência de outros", "o inferno são outros", etc. "A minha queda original é a existência de outros". A fim de evitar ficar preso, reduzido ao estado de um objecto, só tenho um meio de salvação: *retaliação*, para congelar outros como objectos. Mas supondo que a minha riposta tenha êxito, a comunicação falha, o outro assunto escapa-me. Assim, o *conflito* é inerente a qualquer relação intersubjectiva, mesmo e incluindo relações amigáveis, amorosas e mais geralmente proximais. Na *visão* Sartreana, o amor tem a ver com a posse do outro como sujeito e objecto, ambos como liberdade capturada. Agora "o outro é por princípio elusivo: foge de mim quando o procuro e possuí-me quando fujo dele"²³. Assim, a fim de se defender, o indivíduo tende a negar a autenticidade do outro. Esta visão leva à conclusão pessimista de que "as subjectividades permanecem fora do alcance e radicalmente separadas" (*op. cit.*). A intersubjectividade é, portanto, impossível.

Alguns dos trabalhos parecem provar que Sartre tem razão. Assim, numa apresentação de obras relativas às ligações e oposições entre intimidade e sociabilidade, Brehm (1984) mostra que o amor é cada vez mais apresentado numa perspectiva mercantil e utilitária de intercâmbio social. As múltiplas dificuldades sentidas pelos protagonistas das relações íntimas são evocadas. Assim, a reciprocidade da auto-divulgação, confiando um no outro e recebendo em troca confidências, tende a desvanecer-se à medida que a relação se torna mais duradoura. Não é portanto mais fácil contar a vida a um estranho num corredor, no comboio ou em qualquer rede de escuta percebida?

Tomemos outro exemplo, o dos ciúmes. Isto parece ter a sua origem sobretudo na ameaça ao orgulho e à auto-estima, associada à necessidade de exclusividade na relação com o outro. Como disse La Rochefoucauld, "Há mais auto-estima do que amor no ciúme". Hoje em dia, as rupturas sentimentais e conjugais estão a tornar-se mais frequentes. Vivemos numa era de relações múltiplas e relações múltiplas significam múltiplas experiências de conflito e dissolução. Devemos concluir que o homem é sempre um lobo para o homem, que os seres humanos estão condenados a devorarem-se uns aos outros, a despedaçarem-se uns aos outros ou a romperem as suas relações?

Muitos autores têm criticado a versão pessimista das relações humanas. Por exemplo, Gabriel Marcel (1968) critica a concepção sartreana porque implica o postulado cartesiano de uma auto-consciencialização primária, de um cogito individual isolado e prévio. Contrasta-a com a hipótese de uma intersubjectividade primária, anterior à consciência separada do eu e dos outros. Em termos de desenvolvimento infantil, Henri Wallon (1956) evoca a hipótese de uma consciência primária "com um duplo foco". Dois termos, dois focos "que não poderiam existir um sem o outro, embora ou porque são antagónicos: um, o ego, que é uma afirmação de identidade consigo mesmo, e o outro, o alter-ego, que resume o que tem de ser expulso desta identidade a fim de a preservar" (1946).

²³ Sartre, J.P. (1943)

De acordo com Gabriel Marcel, se o self experimenta um fracasso na comunicação intersubjectiva, é porque não está disponível: "estar indisponível: estar ocupado consigo próprio" (*op.cit.*, p.105). Mounier também propõe esta hipótese: "É num projecto preliminar de indisponibilidade, e não na minha liberdade como sujeito, que eu agarro o outro como um objecto, é na mesma disposição que me reduzo a recebê-lo como invasor"²⁴ (*op. cit.*, p. 105). O objectivo latente do encontro seria permitir ao sujeito sair de um forte estado de tensão caracterizado por múltiplas tensões e contradições. Ou se recusa então o encontro cara a cara para manter as crenças no Amor e no Outro, ou se prepara para os encontros decepcionantes provocados pelo vulcanismo das paixões, ou finalmente se refere às manifestações baseadas em máscaras sociais, jogando o pick-me-up num contexto de paixões, não muito bem preparado para isso²⁵.

É portanto necessário voltar a questionar a função da visão que os outros têm de si próprios na dinâmica intersubjectiva. A alienação do eu pelo outro e a rejeição em troca deste, felizmente não é o único motor da comunicação intersubjectiva. A comunicação com o outro pode igualmente favorecer a emergência ou o reforço da minha identidade. O olhar pode ser alienante, mas não pode ser constantemente reduzido a uma invasão, a uma invasão que me despojaria e me escravizaria. O olhar do outro é pelo menos tão perturbador como alienante. "Destrói a minha confiança, os meus hábitos, o meu sono egoísta. Ele é, mesmo hostil, o revelador mais seguro de mim mesmo. Assim, a relação interpessoal positiva é uma provocação recíproca, uma fertilização mútua".²⁶

Se é verdade que o outro pode encorajar a minha despersonalização tratando-me como um objecto, um animal ou um autómato²⁷, é também verdade que o primeiro movimento que revela o sujeito, na primeira infância, é um movimento em direcção aos outros. A criança expõe-se aos olhos do outro, coloca-se à frente do seu olhar mas também ao ponto de vista do outro. Este último é, portanto, simultaneamente um *fomento de conflito* e uma *hélice de projectos*. Os projectos e conflitos pessoais fazem parte da história das relações intersubjectivas e da construção do sujeito, ou da sua "escavação".²⁸

No final, a comunicação com o outro pode igualmente favorecer a emergência ou reforço da minha identidade, promover a personalização, bem como a fixação

²⁴ Mounier, E. (1947)

²⁵ O "aperitivo" riff-raff procura satisfazer as suas próprias necessidades, enquanto outros estão lá para satisfazer as suas estratégias de conservação e reconhecimento social.

²⁶ Mounier, E. (1949), p. 455.

²⁷ Bettelheim propôs definir a alienação desta forma (1976).

²⁸ Gabriel Marcel, sobre o tema do funcionamento da pessoa, declarou que "não é tanto uma questão de construção, mas de escavação" (1940). Mas, como todos os construtores sabem bem, construir implica necessariamente escavar, especialmente para fornecer fundações!

alienante. O existente é rasgado, mas a sua existência é simultaneamente emergência, tensão e luta (Jaspers), é um ser tendencioso para a sua realização (Heidegger).

Os conceitos centrais do modelo rogeriano baseiam-se na importância da percepção-representação consciente de si próprio, dos outros, da relação entre si e os outros e da sua influência sobre as emoções, sentimentos, comportamentos relacionais e as modalidades de organização psíquica postas em prática pela pessoa em consideração. Por conseguinte, é importante voltar à empatia e mostrar que não se limita à acuidade da percepção do comportamento dos outros.

Empatia e afectividade

Segundo Widlöcher, "o objectivo terapêutico essencial (na orientação rogeriana) é libertar a relação presente dos escoriações do passado e fazê-la reconhecer o seu carácter original: o de ser uma forma não possessiva de amor. Aderir a esta relação positiva presente é libertar-se dos grilhões neuróticos das fixações no passado, obstáculos à individualização autêntica" (Widlöcher, 1995). Por outras palavras, é na primeira infância, ou pelo menos no passado (amor possessivo, etc.), que se deve procurar a causa das dificuldades pessoais, e em particular socio-afectivas, experimentadas actualmente pela pessoa em consulta. Esta posição, suficientemente prudente, é sem dúvida aceitável por muitos terapeutas. Rogers não nega os efeitos da história pessoal. O que ele discute, contudo, é a validade das terapias psicanalíticas envolvendo uma centralização interpretativa de processos regressivos (através de memórias e sonhos) e baseada na hipótese de um regresso a traumas (reais ou supostos) ou fantasias associadas a experiências de infância. A atitude do terapeuta rogeriano também não tem nada a ver com as concepções e práticas cognitivas-comportamentais, cujo carácter excessivamente directivo discute, mas sobretudo com a discrepância entre as concepções utilizadas para apoiar a interpretação das dificuldades dos pacientes e a teorização insuficiente e justificação prática da relação terapeuta-paciente.

Qual é, então, a atitude do terapeuta Rogeriano na sua prática de interacção? Como se justifica a empatia como método? Pode ser confundido com simpatia? Se não, o que caracteriza esta "identificação particular"?

A noção de empatia é de facto evocada em relação a práticas muito diversas. Por exemplo, Chertok (1995) afirma que a hipnose oferece um modelo privilegiado de empatia. Diz-se que a relação hipnótica tem um elemento arcaico que não é acessível à verbalização. A interpretação, um processo intelectual, tornar-se-ia menos importante do que "esta forma de comunicação emocional, intensa, de fusão e simbiótica chamada empatia". A empatia assim apresentada é confundida com dependência emocional e dificilmente corresponde à definição de empatia de Rogers. Roustang (1980) pergunta-se se o verdadeiro poder de transferência não é o mesmo que a hipnose. Esta identidade do processo teria sido suspeita por Freud, mas os seus seguidores, incluindo Lacan, rejeitaram-na.

E quanto à *comparação entre empatia e simpatia*? Segundo Bergson, a simpatia implicaria a capacidade de uma pessoa "coincidir com o que a outra pessoa tem que é único e inexprimível". Se Rogers não for tão longe, ele assume, como vimos, um tipo semelhante de correspondência quando define empatia.

Os terapeutas em geral tendem a rejeitar a confusão entre estas duas noções. Mas vale a pena dar uma vista de olhos mais atenta. O sufixo "patologia" presente em ambos os termos é para ser questionado. Significa sofrimento, estar *doente* (pathos, patologia) mas também *sentimento, afecto*²⁹. Simpatia significa certamente ter sentimentos positivos para com os outros, vínculo afectivo, mas etimologicamente implica também a hipótese de *sofrimento - com*. Será que a concordância empática implica uma participação emocional do terapeuta? Se houver participação, o que dizer da sua "transparência" (que aparece através) e gestão (controlo, projecção, transferência)?

A confusão entre doença e sentimento mostra claramente que a afectividade em geral é percebida de uma forma bastante negativa (desordem de conduta, dificuldade de expressão, etc.) tanto através da própria linguagem como em práticas relacionais.

No seu *Tratado sobre as Paixões*, como na *6ª Meditação*, sobre "estados afectivos", Descartes contrasta as paixões (admiração, amor, ódio, desejo, alegria, tristeza) com "emoções interiores". Ele considera que as paixões são úteis na medida em que pressionam a pessoa a agir e a "alcançar o fim em que os movimentos e as paixões participam". Mas a paixão (no sentido apaixonado) é a exasperação de um sentimento. Pode mobilizar as emoções, mas não é o mesmo que elas³⁰. As seis paixões evocadas por Descartes podem ser assimiladas a sentimentos. O sentimento pode ser associado a uma opinião ou crença (consentimento), a uma intuição (presságio) ou a um impulso apaixonado (ressentimento). Todos os sentimentos levam uma pessoa a agir ou reagir, inclusive como resultado das suas próprias acções (Janet, 1929). Tende a orientar a nossa relação com os outros e com o mundo exterior, por vezes de uma forma duradoura. "O sentimento é, antes de mais nada, a consciência de uma presença,

²⁹ O termo "afecto" também significa uma doença (por exemplo, doença cardíaca) e um sentimento positivo em relação aos outros (por exemplo, afecto mãe-filho).

³⁰ A emoção é uma crise, mais ou menos repentina e violenta; é mais limitada no tempo, e mais directamente associada ao corpo. O sentimento é mais ou menos profundo e mais ou menos duradouro, mas introduz necessariamente uma referência de valor e significado. A paixão também é dada como significado, mas é uma idealização fanática do objecto da paixão; é exclusiva e idolátrica. Em termos colectivos, a paixão provoca a fusão de agregados à custa da intersubjectividade. Os indivíduos instalam-se juntos na "esfera estética", na *paixão imaginária do imediato*, à custa das *exigências* (a esfera ética do Ideal) e do *cumprimento* (a esfera religiosa), (Kierkegaard, 1970).

de um "existe". Mas esta presença não é neutra. O sentimento é a consciência de um valor, é sempre a consciência imediata de uma existência cujo valor nos compromete. Finalmente, o sentimento não pode ser confundido com o conhecimento.

Com base nestes pressupostos, a simpatia é uma forma característica de sentimento. E a empatia? Não pode ser confundido com emoção ou paixão. Por outro lado, vimos que pode ser assimilado ao conhecimento intuitivo e directo? Mas não será a empatia mais do que isso?

Comparemos isto com a *fenomenologia da afectividade* proposta por Max Scheler (1928). Este autor propõe considerar a simpatia como um modo de conhecimento imediato associado à intuição, que ele chama *intuição emocional sobre os valores e sobre a diversidade das acções da pessoa*. A intuição emocional permite captar a expressão imediata das experiências dos outros (que são caracterizadas por sentimentos: amor, ódio, etc.). Facilita a participação, a reciprocidade das consciências, a descoberta de significados e valores. Implicaria um "discernimento afectivo". A intuição emocional preocuparia tanto as comunidades como os indivíduos.

Embora o termo "emocional" seja confuso e discutível, parece-nos que a intuição emocional de Scheler tem alguma semelhança com a *intuição empática de Rogers*. A intuição empática de Rogers articula um modo particular de conhecimento (intuição) e um modo particular de identificação afectivo-axiológica (baseado em sentimentos e valores, especialmente os éticos).

Capítulo 4

Do Aparecimento à Autenticidade e de Volta

A máscara como disfarce, desfile e mediação

Clarividência, transparência e intuição implicam que o self funciona como uma casa de vidro, um self luminoso e uma comunicação sem mascarada ou desfile. No entanto, sabemos o quanto os comportamentos supostos diferenciar entre homens e mulheres se baseiam em *mascarada* (para as mulheres) e *desfile* (para os homens).

Na realidade, estas duas estratégias dizem respeito a todos nós, homens e mulheres, jovens e idosos, etc. Baseiam-se na hipótese da oposição entre um interior (uma intimidade) que se esconde, e um exterior que serve tanto de ecrã como de projector.

- *O ecrã* é ao mesmo tempo o que *se esconde* (o ecrã, a cortina de fumo, etc.) e o que *é projectado e mostrado* (o ecrã de cinema ou de computador: o quadro em que uma imagem é projectada);

- *A mascarada* é frequentemente evocada de forma feminina, possivelmente pejorativa, porque está associada a *maquilhagem, maquilhagem, espelho, teatro (maquilhador) ou magia (masco = bruxa; mascoto = feitiço, amuleto de boa sorte)*. Em qualquer caso, somos apresentados ao tema das máscaras;

- *O desfile* junta por uma parte a mascarada, já não associada ao rosto, mas ao corpo, pelos ornamentos acrescentados: roupas, ornamentos, tatuagens, *piercing*. O verbo latino *parare* significava (se) "preparar", (s') "preparar"³¹. Prolifera em 1. desfilar, adornar; 2. fazer um desfile (como o circo, o desfile),³² (para) desfilar, exhibir-se; 3. desfilar imediatamente, proteger-se contra (desfile de esgrimistas, mas também pára-choques, à prova de bala, ou...). Bumper³³! etc.), antecipando uma manobra (parry).

- *As aparências*³⁴ e *as aparências* há muito que são objecto de descrédito, na medida em que filósofos e cientistas concordam que a realidade dos processos não

³¹ Por exemplo, desfiles de cortejo em animais, ou rituais de preparação relacionados com o casamento e as relações sexuais nos homens, mas especialmente no que diz respeito às mulheres.

³² O desfile também se refere à *exposição*. Ambas implicam uma ênfase corporal, mais ou menos sedutora ou agressiva.

³³ Termo utilizado por Freud para evocar defesas contra aquilo que pode pôr em perigo o eu.

³⁴ Os termos "aparecer" e "aparências" derivam do verbo *parere*: aparecer, aparecer (assim como as palavras "transparaître" e "transparências") e devem ser

é a mesma que as manifestações perceptíveis e visíveis. As aparências são desvalorizadas porque são apenas *sintomas de processos ocultos*. No entanto, o homem de hoje continua a cultivar soberbamente as aparências, a cuidar muito bem das aparências, da imagem que dá de si próprio.

Os diferentes significados assim actualizados são interessantes para o nosso propósito. Mostram que a máscara é também uma forma de se expressar e de se mostrar, de se revelar (na forma como se esconde, como se revela), mas também de se defender, numa relação consigo próprio ou com os outros.

Naturalmente, permanece a questão de como está organizada a relação entre o que está escondido e o que aparece. Uma *clivagem* pode ser suposta entre as duas realidades, a realidade fenomenal e a realidade psíquica, os comportamentos superficiais do ser e a personalidade profunda, etc. Pode-se supor a existência de uma negação de uma destas realidades ou a existência de mecanismos de duplicação (clivagem entre dois eus ou partes do eu) e/ou duplicidade (ocultar o que eu sou em meu próprio benefício), etc. Mas também podemos analisar a dinâmica positiva da interacção entre dois mundos que não devem fundir-se (o sujeito desaparece no movimento de acontecimentos sucessivos ou de múltiplas identificações) nem separar-se (schize e incomunicabilidade).

Brincar e fazer de conta a construção simbólica da pessoa

Wallon disse que "as emoções prendem o social ao corpo" (1956). Isto é ainda mais verdade quando se trata da emergência de comportamentos lúdicos em crianças. Na verdade, é na experiência imediata da emoção sentida que as crianças pequenas jogam os seus primeiros jogos relacionais: por exemplo, as gargalhadas da criança no jogo circular em que o rosto é escondido com um lenço que é depois removido. Através destes primeiros jogos a criança aprende a comunicar, na atenção prestada aos gestos do outro e na redução da "tensão" que estes gestos provocam. A criança aprende, entre outras coisas, que o que está escondido da vista está sempre lá (o objecto escondido atrás do móvel, o rosto da mãe ou o seu próprio rosto escondido atrás do lenço). Também irá experimentar a manifestação de emoções para ou por terceiros. Perceberá a necessidade de assumir a existência de sentimentos e pensamentos que são apenas parcialmente expressos, que é melhor guardar para si mesmo ou que só devem ser revelados em determinadas circunstâncias ou em relação a pessoas privilegiadas. É assim que o sujeito é construído, tanto nas suas reservas (potencialidades e retenções) como nas suas expressões (verbais e não verbais).

Depois vemos o aparecimento da *simulacra*: por exemplo, a criança *finge* segurar uma almofada e dormir. Os jogos simbólicos ou fictícios, incluindo jogos de role-playing, aparecem mais tarde (Malrieu, 1967). Estes jogos permitem à criança apropriar-se e dominar a realidade, mas também lhe dão a oportunidade de

associados ao facto de "estar lá" (em oposição a "desaparecer": já não estar lá). Mas a aparência pode ser ilusória ou falsificadora.

antecipar os acontecimentos, felizes ou infelizes, e de se preparar para os enfrentar.

O jogo infantil faz parte daquilo a que Winnicott (1971) chamou o *espaço potencial* (1971), que é aquele entre o pessoal e o social, que não é nem totalmente um nem totalmente o outro, que pode encorajar o estabelecimento de espaços de liberdade (reais ou imaginários) e, gradualmente, de toda a cultura. Para o adulto, como para a criança, o jogo é sempre social e separado do social, porque envolve risco, confronto com a incerteza. Simulacrum e vertigem são processos que permitem tanto a adultos como a crianças assumir um risco social ainda mais claro, o de deixar o papel que lhes foi atribuído. Georges Herbert Mead (1934) afirmou que a vida social só pode ser plenamente assumida na medida em que o indivíduo aceita o papel ligado ao seu estatuto sem se confundir totalmente com ele. Esta é sem dúvida a chave para este aparente paradoxo que liga e separa tanto o jogo como a cultura. Esta última é enriquecida por tendências que mantêm uma certa distância entre o indivíduo e as suas determinações sociais, ou que encorajam as pessoas a assumir o risco de uma vida colectiva que nunca está totalmente livre de incertezas.

É neste contexto que a utilização de máscaras em rituais religiosos pode ser colocada. A máscara não está lá apenas para se esconder. Pelo contrário, é o espírito correspondente que se pode expressar, mostrar-se, através da pessoa que usa a máscara. A máscara torna-se mediação, não desta vez entre o psíquico e o social, mas entre o aqui em baixo e o além. Eles permitem ao grupo encontrar a sua segurança, ter a prova de que os deuses ou os espíritos estão bem com eles. Como todos os objectos simbólicos, permite fazer uma ligação entre o que está separado. Em vez de se negar a separação, devem ser estabelecidos novos meios de comunicação entre os elementos (grupos, pessoas, etc.) que foram separados. Este é o paradoxo da máscara: ela esconde-se e revela-se. Neste meio activo, o enriquecimento cultural e a tecelagem do laço social têm lugar, através da interacção de significados colectivos. Uma parte do jogo intervém em tais rituais. São geralmente feitos para homens. Supõe-se que as mulheres não devem participar no significado, não devem estar no "segredo". Na realidade, fingem, jogam o jogo de não saber e comportam-se perante as crianças como se não soubessem os segredos (poderes mágicos, sexualidade, etc.).

Crozier (1977) demonstrou que em qualquer organização social, e sem dúvida em qualquer sociedade, existe *um espaço (ou zona) de incerteza e indecisão na interacção de regras e proibições*. Este espaço permite que os actores sociais desenvolvam a sua liberdade, para gerir novas escolhas. O termo "jogar" desta vez significa não só a relativa falta de definição do papel dos actores, mas também a imprecisão do funcionamento (tal como pode haver "jogo" na articulação entre elementos de qualquer sistema mecânico ou hidráulico). A hipótese de Crozier foi por vezes traduzida em termos da estratégia do actor. Se eu for totalmente transparente, o meu comportamento é previsível no jogo da relação de poder. Se, pelo contrário, mantenho uma certa opacidade, se o meu comportamento não for

totalmente previsível, adquire poder sobre aqueles cujas atitudes ou decisões conheço de antemão. Esta hipótese sobre o cinismo do comportamento humano está nos antípodas da concepção rogeriana que se recusa a gerir situações em termos de relações de poder e papéis. Sem negar estas relações, Rogers quer situar-se de forma diferente.

De "persona" a "persona"...

O termo "pessoa" vem do latim *persona*, ele próprio de origem etrusca e que significava primeiro "máscara do teatro" e depois "personagem (do teatro)". Se, tal como Shakespeare, nós (metaforicamente) equiparamos o mundo a um teatro, a questão é como assumimos os nossos papéis e se, como actores, nos identificamos com eles. Dito de outra forma, são colocadas três questões mais ou menos contraditórias:

- Qual é a relação entre os papéis sociais (que eu interpreto) e a pessoa (que eu sou)? Os primeiros são experimentados como constrangimentos ou como oportunidades? Sou fiel às expectativas dos outros actores ou daqueles que estruturam a cena?
- Posso expressar-me autenticamente nas minhas práticas de papel? A vida social, com o seu lado teatral, não é artificial em relação à realidade psíquica?
- Devo adaptar-me, integrar-me, desempenhar os papéis esperados? Ou devo tentar ser eu próprio? São ambos concebíveis simultaneamente?

O sociólogo Gurvitch (1966) considerou que a sociabilidade implica a ligação entre a consciência individual (actor) e a consciência colectiva (cena e texto). Com base no grau de *fusão dos indivíduos no Nós*, no grau de *atracção das práticas sociais* (motivação dos actores, interesse pelos papéis desempenhados) e na intensidade da *pressão exercida pelo grupo*, definiu a diferença entre *massa* (fusão +, pressão +), *comunidade* (equilíbrio entre fusão e pressão) e *comunhão* (fusão +, atracção +, pressão -). Vemos, então, que os processos sócio-afectivos, os efeitos do poder e do constrangimento, estão a funcionar na sociabilidade de grupo, tal como estavam na sociabilidade interpessoal (dupla ou múltipla).

Como ser ao mesmo tempo *socius* (membro de uma sociedade), *alter-ego* (numa relação proximal e identificadora com o outro) e *sujeito*? Para retomar a metáfora do teatro, o sujeito não é apenas o *actor* (social), ele deve também ser o *autor* (de obras e produtos que fazem sentido, para si próprio e para os outros) e o *realizador* (capacidade de organizar espaços reais e imaginários, de gerir redes e interacções, de facilitar a expressão e a inovação, para si próprio e para os outros). Mas é claro que a realidade social pode ser o resultado da pressão (restrições) e da falta de atracção (baixa motivação no trabalho ou na vida privada, etc.).

É verdade que as organizações, estruturas e instituições sociais são a fonte de muitos males. São pesadas, superficiais, frias, hipócritas, etc., enquanto nós aspiramos à autenticidade, profundidade, liberdade, calor comunicativo. Mas se procuramos activamente estes valores, a sociedade não se lhes opõe, pela boa razão de que não existe "uma" sociedade, mas uma multiplicidade de grupos com

múltiplas aspirações e injunções. Para me libertar, para dar sentido à minha vida, para encontrar calor, procurarei aqueles que sentem, pensam, vivem ou querem viver como eu; definirei aquilo a que me oponho e tirarei as consequências nas minhas acções e interacções. Desta forma, serei capaz de integrar a minha forma de me afirmar e a minha forma de gerir laços sociais, de socializar.

De facto, a necessidade de se afirmar pode envolver a assunção de riscos na escolha de papéis e actividades. "O homem moderno vive uma forte ansiedade existencial que eventualmente o faz cair em depressão ou o empurra a realizar o seu potencial e a fazer algo, quaisquer que sejam os riscos. Ele quer testar algo para além de si próprio, para satisfazer a sua busca por um Outro radical, permitindo-lhe transcender o estado da vida quotidiana."³⁵

³⁵ Torneira, P. (1988) p. 241

Capítulo 5

Positividade: confiança e sentido de valor

A confiança como credo primário

Rogers tem sido frequentemente criticado pela sua noção de confiança, uma vez que pode ser trabalhada a partir de histórias individuais e colectivas. Segundo ele, a confiança incondicional seria a da relação do bebé com a sua mãe, uma confiança organizacional que antecede qualquer código, qualquer contrato. Ele propõe como objectivo encontrar este tipo de funcionamento no aqui e agora da relação terapêutica. É portanto aconselhável discutir esta confiança primária mãe-filho antes de analisar o significado da introdução desta positividade incondicional na terapia.

Sobre o tema da confiança primária, Rogers junta-se a alguns psicanalistas como Erikson e Winnicott.

De acordo com Erikson (1972), no primeiro ano de vida, a criança experimenta bem-estar físico e psicológico ou mal-estar através da mediação da relação com a mãe, particularmente na regulação das necessidades nutricionais, na gestão dos cuidados e no acompanhamento das relações amorosas. Ter confiança no bebé significa aprender a *confiar na* semelhança e continuidade dos "fornecedores externos". A confiança no outro facilitará a auto-confiança, a capacidade de resistir às frustrações e sentimentos de abandono. A criança concordará então em deixar a mãe fora da sua vista, sem mostrar ansiedade ou raiva excessivas. Pelo contrário, o sentimento de malevolência estaria associado ao sofrimento físico ou psicológico não regulamentado, com a má qualidade das interacções. Segundo Erikson, a solução do conflito nuclear entre confiança e desconfiança é a primeira tarefa do eu. Permitirá a construção pela criança de um sentimento de identidade (continuidade do eu) e de auto-estima que não contradiz o que os outros esperam dele.

Mas esta confiança primária nos absolutos será constantemente desafiada à medida que a criança constrói a sua própria imagem em interacção com outros, experimentará dúvidas, incertezas, ou mesmo desconfiança em relação a outros que ele percebe serem resistentes, frustrantes e proibitivos. Os pais devem ser capazes de transmitir à criança uma convicção profunda, quase somática, de que o que fazem tem um significado. Em última análise, as crianças tornam-se neuróticas, não por causa de frustrações, mas devido a uma ausência ou perda do significado social dessas frustrações. Por outras palavras, a relação de poder (ou impotência) já está presente na gestão das primeiras interacções sociais através da afirmação dos desejos e da sua limitação.

Segundo Winnicott, "a mãe que é suficientemente boa responde à onnipotência da criança e, em certa medida, dá-lhe um sentido vezes sem conta" (1965,122).

"A mãe "suficientemente boa" parece ser uma condição fundamental para o aparecimento e desenvolvimento da auto-confiança na criança" (Tyar, 1998)³⁶. A mãe "suficientemente boa", segundo Tyar, "seria (de facto) a mãe que frustra a criança com a privação" (opt.cit.112). "A criança cria o Kred³⁷ que a mãe apresenta à criança" (opt.cit.113). O Kred descreve a experiência da criança de onnipotência associada à onnipotência da mãe.

O trabalho da mãe transforma a ansiedade numa experiência em que a criança pode superar-se a si própria. "A mãe suficientemente boa constitui a primeira etapa do princípio de confiança na declinação das distinções dentro e fora, bom e mau, incorporação e projecção, onnipotência e angústia ... daí pode ser ordenada a confiança que aparece não como um estado do eu mas como um trabalho pré-móico, o estado do noivo³⁸", (op.cit., 113).

Da confiança primária à desconfiança: positividade incondicional revisitada

A confiança implica o estabelecimento de valor, *fiabilidade e fé, em si próprio e nos outros*. A desconfiança está associada à introdução de um problema, de uma diferença estigmatizada, de um juízo de valor negativo sobre os juízos dos outros. "O princípio da confiança intervém com a questão da estranheza, porque desafia as figuras do discurso da diferença na comunidade civilizada" (opt.cit., 254) (cf. o estranho perturbador de Freud, a convivência do idêntico e do diferente...).

Existe portanto o perigo na terapia rogeriana de confundir a positividade incondicional em relação ao consultor com o sentimento de onnipotência materna que o terapeuta pode experimentar e o aspecto de fusão que a pode acompanhar. Isto porque a confiança pode ser definida como "confiar confiantemente na *integridade de outra pessoa*" (Webster). A integridade (tanto psicológica como moral) implica "totalidade", ausência de culpa, harmonia, etc. (Webster). A auto-confiança na criança implicaria assim a percepção ilusória de uma mãe todopoderosa através da sua própria integridade. Mas a pessoa, ao longo da sua vida, irá experimentar falhas de confiança, dúvidas sobre a conduta dos outros. É portanto necessário distinguir entre confiança como uma questão pragmática (confiança vivida no dia-a-dia) e confiança como um valor ético? Como Tyar (op. cit.) o coloca tão bem, não se trata de procurar recuperar a confiança primária, mas de cultivar a capacidade de *desconfiança*, tanto em relação a si próprio como em relação aos outros. "Se o trabalho de desconfiança torna o sujeito optimista, não é por causa de um diagnóstico da realidade externa, mas devido à *posição*

³⁶ A forma britânica "mãe suficientemente boa" é traduzida como "mãe suficientemente boa", o termo "suficientemente" evoca falta, enquanto o termo "bastante", uma tradução literal de "bastante", evoca excesso.

³⁷ Kred = crença primária, o credo da confiança (este termo seria a raiz muito antiga de todas as palavras relacionadas com crença, *credere em latim, etc.*).).

³⁸ O "noivo" é portanto equivalente a uma *aliança original* (este significado encontra-se em "noivado" e como sufixo em confiança, desconfiança, etc.).

subjectiva que o ser está disposto a assumir" (op.cit. 253). Aqui encontramos novamente, mas após um desvio, o facto de a positividade incondicional em relação aos outros não ser uma fusão emocional infantil, mas, pelo contrário, uma decisão eticamente fundamentada ao serviço de uma prática de encontro.

A confiança como um contrato sócio-moral: o difícil regresso à "fides".

A origem comum das palavras latinas *fides* (fé) e *foedus* (pacto, acordo, aliança)³⁹ sugere a ideia de confiança. "A fé é um compromisso duradouro de confiança sob formas variáveis, tais como: palavra dada, promessa, profissão de auto, juramento, contrato, tratado, pacto, várias convenções. Isto requer "confiança" e "confiança inspiradora". O carácter jurídico e religioso do latim "*fides*" baseia-se no facto de que a confiança não é natural; esse consentimento deve ser gerido, não "juramentado". A lealdade, claro, coloca consideráveis problemas sociológicos e jurídicos. É frequentemente um dos fundamentos da coerência de um grupo, e da possível cooperação entre os seus membros. Quando uma pessoa está em dificuldades, pode-se dizer que a sua fé no funcionamento social é bastante "arrefecida", tal como o sentimento de ser amada e reconhecida por aqueles que lhe são próximos. O afastamento social e a dificuldade em aceitar ajuda de terceiros estão, portanto, associados a problemas de personalização. Para facilitar a integração social, o sujeito deve recuperar um mínimo de confiança no funcionamento social, ainda que as instituições, através da burocracia ou da negação de pessoas, não estejam dispostas a alterar os preparativos de acolhimento para as tornar mais humanas.

³⁹ De acordo com Dumezil (1958), eles vêm da mesma raiz indo-europeia, o *beidh-*, que também deu ao *pistis* grego.

Capítulo 6

Não directividade, permissividade ou interacção democrática?

Laissez-faire ou permissividade?

Coloca-se agora a questão de saber se a prática da não-directividade implica o *laissez-faire* na concepção rogeriana centrada na pessoa? De facto, a comparação entre permissividade e *laissez-faire* é necessária.

A prática da não-directividade sugere de facto esta implicação, uma vez que parece estar ligada ao *laissez-faire* pela atitude do terapeuta de escutar e silenciar em relação ao seu cliente. A confusão entre este método e o *laissez-faire* é mantida por aqueles que criticam a concepção rogeriana, uma vez que pode ser entendida como uma estratégia ou estilo educativo. Para mostrar que existe de facto uma distinção entre *laissez-faire* e permissividade, tomemos o exemplo das estratégias educativas dos pais. Rogers criticou a estratégia educacional autoritária em favor de uma estratégia permissiva que sugere tolerância parental, liberdade e iniciativa por parte da criança.

A permissividade é frequentemente referida em termos de uma atitude tolerante dos pais em relação à criança. Baseia-se na ideia de encorajar uma grande liberdade na actividade da outra pessoa e na escolha de valores para o desenvolvimento da criança. Freud salientou a importância de responder às necessidades instintivas da criança, o que abriu o caminho para uma directiva menos directiva, menos educação autoritária. Dreikurs, um discípulo de Adler, defendeu uma educação aberta que combinasse liberdade e responsabilidade no sistema de aprendizagem. Ele evocou a ideia de estímulo, de encorajar a criança a fazer escolhas voluntárias. No entanto, insistiu na necessidade de evitar o laxismo e de definir restrições a fim de dar à estrutura social uma sensação de segurança e funcionalidade. De facto, trata-se de fazer com que a criança reprima a si própria as liberdades que está inclinada a utilizar a fim de assumir naturalmente a sua responsabilidade na ordem social.

Albert Pessó, por outro lado, estudou o impacto emocional sobre a criança de um comportamento permissivo e restritivo e propôs que os pais interviessem quando a criança agisse de uma forma destrutiva para ele e para os outros. Pela sua parte, Ginott enfatiza a importância da restrição como garantia de evitar riscos inseguros, enfatizando a mensagem implícita que ela contém: evitar o medo de impulsos.

Por outro lado, o excesso de permissividade (*laissez-faire*) é geralmente desaprovado.

Para esclarecer, estudos (Lewin, 1939; Schaefer, 1959; Malrieu et al, 1969; Baumrind (1971); Vandenplas-Holper, 1979; Lautrey, 1980; Maccoby e Martin, 1983) abordando a noção de estratégias educativas parentais tornaram possível

definir tipologias que se baseiam mais frequentemente na articulação binária entre segurança emocional (S+ = segurança/ S- = insegurança) e autoridade (C+ = controlo/ C- = laxismo), levando à existência de quatro estratégias.

Baumrind (1971) também estabeleceu uma tipologia através do cruzamento do controlo e apoio parental. Ela contrasta os estilos educativos: estimulante ou "autoritária" (alto controlo e apoio), permissiva (permissiva sendo mais ou menos confundida com o laissez-faire, controlo frouxo e alto apoio) e autoritária (alto controlo e baixo apoio). A permissividade aqui seria um baixo controlo. O controlo autoritário seria forte. Aqui ela refere-se à *permissividade controlada, ou seja*, uma atitude de autoridade que se refere a um mínimo de restrições combinadas com a necessidade absoluta de respeitar certos limites decididos pelos pais. Ela conclui que um controlo forte ou fraco condena a criança à dependência. De acordo com a tipologia de Maccoby e Martin (1983), parece que *laissez faire* é confundido com desinteresse parental e não com permissividade. Segundo estes autores, o estilo permissivo mostra pouco controlo (C-) e mais segurança (S+), no sentido de uma presença implícita de calor.

Assim, sem confundir permissividade com laissez-faire, podemos evocar a ideia de que a noção de não-directividade na pedagogia de Rogers pode ser substituída pela de "permissividade controlada", o que pressupõe então um funcionamento democrático. Esta associação corresponderia à prática educativa estimulante de Malrieu et al. (1969) e Baumrind (1971), uma vez que Rogers enfatiza a importância da escuta confiante, compreensão e aceitação do sujeito na situação pedagógica ou terapêutica, para lhe permitir enfrentar os seus problemas e adoptar um comportamento adequado.

O calor não-fusional e o controlo não-vinculativo definem a estratégia democrática?

A relação pedagógica deve ser vista como uma relação democrática que implica um processo de compromisso por parte das partes em interacção, mas também processos de *abertura e de convivência* feitos de trocas com o mundo exterior. A referência a tipologias educativas familiares baseadas na segurança e no poder, mostra-nos que estas duas características são necessárias para assegurar o funcionamento interno das famílias. Mas, segundo Kellerhals e Montandon (1991), não são suficientes para assegurar a coesão familiar. De facto, salientam a importância das relações estabelecidas pelas famílias com o mundo exterior para o desenvolvimento do indivíduo. Neste sentido, definiram quatro estilos de coesão familiar baseados na *autonomia interna (ou fusão) dos membros* e na *abertura (ou encerramento) da família* para o mundo exterior. Na relação terapêutica, estas duas características estão também em acção: segurança, como base de confiança, e poder, como enquadramento e limites a estabelecer, para assegurar o funcionamento interno da relação. Mas surge a questão da interactividade com o mundo exterior.

Na orientação rogeriana, coloca-se a questão da natureza do compromisso das partes interactivas: é igualitário? Podemos falar de relações democráticas nesta relação bidireccional?

Na psicoterapia não directiva de Rogers, o terapeuta simplesmente ajuda o sujeito a exprimir-se, simplesmente reformulando certas conclusões ou impressões que o paciente comunica ao terapeuta. Ao fazê-lo, "o sujeito ganha livre acesso às suas experiências vividas, particularmente às experiências actuais que surgem da relação terapêutica". Aqui o terapeuta baseia a sua estratégia democrática na relação na necessidade de envolver a pessoa na auto-descoberta e de a ajudar a tornar-se a si próprio através da auto-consciencialização. Esta consciência vem de experiências passadas e de uma maior abertura à experiência graças ao facto de a pessoa experimentar, através da relação, uma gama mais variada de emoções, com maior intensidade. Este contacto próximo com as emoções pode então levar o sujeito a ter mais confiança em si próprio, no seu corpo, e ajudá-lo a orientar o seu comportamento e a fazer escolhas. A coesão relacional baseia-se aqui na liberdade de expressão e na não influência mútua entre o sujeito e o terapeuta, como pode ser o caso na relação educativa entre pais e filhos (Maccoby & Martin, 1983). O terapeuta transmite um calor não fundente, não se funde com o outro, mas de forma não vinculativa, controla o próprio enquadramento da relação incitando, pela sua própria presença, o sujeito a evocar as suas experiências.

Abertura, convivência, associação e compromisso

A dinâmica da interacção interpessoal, na orientação rogeriana, baseia-se no princípio da liberdade de cada pessoa e nas relações igualitárias entre os dois parceiros envolvidos na relação. Esta concepção pode ser aplicada a relações diádicas ou de grupo. No entanto, é difícil aplicá-lo às relações institucionais.

Qualquer interacção diádica, centrada na comunicação e abertura ao outro, baseia-se em processos de envolvimento e capacitação na relação, de um sujeito para o outro. O poder está presente em qualquer relação, não se exprime apenas em termos de controlo, mas pode ser mais ou menos de fusão (poder afectivo).

O *compromisso*, como conduta ou acto de decisão, põe em jogo o próprio ser de quem está envolvido no curso do mundo e é um poder de si próprio que não parece estar ligado a qualquer determinação em particular e transcende qualquer limitação. A conduta de compromisso é um tipo de atitude que visa assumir activamente uma situação, um estado de coisas, uma empresa ou uma acção em curso. Refere-se a um estilo de existência, uma forma de se situar diante dos acontecimentos, diante dos outros, diante de si próprio, através de acções. A forma concreta de compromisso permite que dois seres se situem um em relação ao outro.

O compromisso intersubjectivo revela-se a forma mais decisiva de compromisso: na medida em que se relaciona com um estado de vida. Este tipo de compromisso combina duas abordagens particularmente significativas: a promessa (relacionada com um estatuto de existência) e a colocação em jogo da totalidade de uma

existência. Os compromissos educacionais e terapêuticos parecem só poder funcionar em todo o seu potencial se um "mudo" for colocado à pressão da concorrência e das pressões institucionais, para o pôr em espera. Por outro lado, é difícil não ter em conta as dificuldades que as pessoas enfrentam nestes grupos e instituições e o sofrimento que estas dificuldades produzem.

Capítulo 7

Enfrentar e gerir o sofrimento: stress, capacidade de reacção e resiliência

A *gestão do sofrimento* baseia-se numa adaptação bem sucedida a situações consideradas como desestabilizadoras para o sujeito, mas também no necessário reconhecimento de si próprio como pessoa. Todo o sofrimento não participa, em última análise, de um sofrimento original e comum: o simples sofrimento de existir como pessoa? O ser sofredor e o ser sofredor (ou por outras palavras, à espera de algo, a pessoa idosa que luta com a solidão e o isolamento, por exemplo), vive mal de não ser considerada como pessoa por outros, na sua totalidade, e de ser "desajustada" face a novas situações que se lhe apresentam. Neste, o desenvolvimento da pessoa baseia-se na dinâmica das relações interpessoais em relação à dinâmica colectiva ou institucional, através da qual são postas em prática estratégias de personalização e gestão do sofrimento.

Ansiedade, Ansiedade e Stress como Distúrbios de Ajuste

Nas Ciências Sociais e Humanas, *adaptação* significa manter o equilíbrio ou mesmo regressar ao estado anterior, quaisquer que sejam as mudanças no ambiente. Segundo Nuttin (1967), o termo adaptação corresponde a um ajustamento funcional entre os dois pólos do processo vital: o organismo e o ambiente. A adaptação refere-se a todas as formas de interacção que asseguram o funcionamento de um organismo ou personalidade e do ambiente. "O indivíduo só se adapta ao seu ambiente na medida em que consegue construir este ambiente de acordo com as suas próprias concepções do mesmo" (op.cit., p.127). Através da transformação das situações de acordo com as suas próprias concepções, o indivíduo procura realizar-se a si próprio no mundo. A adaptação seria assim uma "estratégia implementada pelo sujeito a fim de alcançar "as suas próprias estruturas dentro dos limites das exigências do ambiente e da plasticidade do organismo" (op.cit., p.136). Piaget (1954), por seu lado, considera a inteligência como uma forma de adaptação, na medida em que é uma extensão dos mecanismos de adaptação biológica. Resulta do equilíbrio dinâmico entre dois processos: a assimilação e o alojamento, que permitem ao sujeito organizar-se e diferenciar cada vez mais o seu comportamento. Quando o influxo de dados excede a capacidade do esquema de assimilação, o desequilíbrio só termina quando a necessidade é satisfeita.

Nisto, o desajustamento pode ser uma força motriz para um impulso vital. Provoca o sentimento de discrepância entre nós próprios e os outros, entre a nossa percepção interior, a nossa concepção da vida e a imagem que os outros nos

enviam de nós próprios, a imagem que o mundo nos envia da sua complexidade. Esta lacuna funciona como uma fonte de inspiração, curiosidade, investigação e criação. Mas o indivíduo continua a ser inadequado em certas áreas da sua existência.

A vida do sujeito pode ser pontuada por acontecimentos (doença, luto, fracasso...) que põem em causa o seu equilíbrio psicológico social e biológico. De acordo com Rivolier (1989), o sujeito estabelece então estratégias imediatas e pontuais de sobrevivência necessárias para manter ou restaurar o equilíbrio construído.

Assim, a pessoa que sofre percebe num dado momento o fosso que a separa dos outros, um fosso relativo ao seu modo de funcionamento pessoal que já não parece estar adaptado à realidade da vida quotidiana. Terão de ultrapassar a angústia e ansiedade que sentem e gerir o stress relacionado com as situações que viveram. Ansiedade, ansiedade e stress são vistos como problemas de adaptação.

A *ansiedade* refere-se a um doloroso estado emocional experimentado numa situação traumática ou ligado à expectativa de perigo relacionado com um objecto indeterminado (Mazet e Houzel, 1975). É uma emoção em resposta a uma ameaça simbólica, existencial ou efémera (Lazarus, 1991, citado por Sordes-Ader, 1996, p. 76). O ser ansioso experimenta um desencontro entre as perguntas que faz sobre a sua própria origem e destino no mundo e as respostas que este mesmo mundo lhe pode dar. Ele sente-se isolado dentro de si mesmo face à sua dificuldade em estar no mundo. O sujeito seria então o criador de significado ou estaria situado num sentido que ele tem sempre de retomar, sem nunca ser capaz de o apreender na sua totalidade, mantendo-se atento a ele.

A *ansiedade* também se refere a um estado emocional com um tom negativo. Compreende três elementos fundamentais: a percepção de perigo iminente; uma atitude de expectativa perante este perigo; um sentimento de desorganização ligado à consciência de impotência total perante este perigo (Pichot, 1987). A ansiedade⁴⁰ é definida como um medo sem objecto, seja primário ou secundário, isolado ou associado a dispositivos de fuga (fobia) ou de luta (obsessões). A ansiedade normal tem uma função adaptativa na medida em que é uma resposta emocional de parar e acordar para uma situação incongruente. A ansiedade patológica é causada por demasiadas situações de ansiedade (factores externos de natureza psicológica e social) ou demasiada facilitação da resposta (factores internos de natureza neurobiológica). A tolerância à experiência ansiosa também deve ser tida em conta.

A ansiedade difere da ansiedade na medida em que é muito mais experiente de forma somática, com todas as desordens orgânicas que a acompanham, sintomas de constrição e opressão. A ansiedade é mais pensada; é uma tensão duradoura ligada a uma perturbação psíquica que reflecte um sentimento indefinível de

⁴⁰ A ansiedade psíquica distingue-se geralmente da ansiedade física ("caroço" na garganta, palpitações, respiração acelerada, micção frequente, diarreia, palidez, deglutição das pernas).

insegurança. A expectativa psicológica, a apreensão de um acontecimento feliz ou infeliz, de uma situação difícil ou perigosa, provoca dores psicológicas dolorosas (Sordes - Ader, 1996).

Quanto ao estado de *stress*, também parece reflectir um conjunto de perturbações biológicas e psíquicas, temporárias ou duradouras, causadas por qualquer tipo de agressão a um organismo e as suas respostas.

Na língua inglesa este termo significa: constrangimento, insistência, força aplicada a um objecto, tensão. "Na linguagem da psicologia contemporânea, este termo refere-se tanto a situações de diferentes graus de stress como às reacções fisiológicas e psicológicas de uma pessoa nestas situações" (Van Rillaer, 1992, 66).

Selye, um investigador canadiano, analisa assuntos com uma variedade de doenças: todos eles apresentam uma resposta defensiva comum a diferentes ataques. Estuda depois os efeitos de diferentes agressores. Foi assim que ele definiu, em 1936, o que ele chamaria de "Síndrome de Adaptação Geral". O termo stress não surgiu até 1946 e refere-se a uma resposta fisiológica do organismo a diferentes agentes externos nocivos. Mais tarde, retomou estas noções e definiu o stress "biológico" como uma interacção entre forças opostas e resistência.

Na sequência de novos trabalhos sobre o stress "bom" e "mau", Selye, em 1956, redefiniu o stress como a resposta não específica do organismo a quaisquer exigências ambientais que lhe fossem impostas. As tensões vêm de fora do assunto: são estímulos ambientais causadores de stress, os factores de stress. Estes últimos abrangem "uma multiplicidade de determinantes susceptíveis de causar perturbações, desequilíbrios que levam a tensões individuais, perturbando o equilíbrio do corpo" (Cazals, 1995, p.39). As fontes de stress podem estar relacionadas com o ambiente material, o ritmo de vida, o contexto familiar, o trabalho profissional. As manifestações de stress estão, a este respeito, ligadas a requisitos adaptativos. A resposta do sujeito aos estímulos ambientais não é imediata. A informação deve ser processada, avaliada, em relação a experiências passadas, recursos disponíveis, estado actual e antecipação do futuro. A adaptação do sujeito baseia-se na utilização de um sistema de respostas adequadas às exigências da situação sentida como angustiante, o que o leva depois a reduzir o seu estado de ansiedade ou a manter um nível aceitável de tolerância.

Defesa, adaptação e superação

Em todas as situações, sejam elas felizes ou infelizes, a relação com os outros revela-se um factor determinante no desenvolvimento pessoal do indivíduo e na sua adaptação às situações. O assunto é levado a demonstrar uma adaptação bem sucedida a fim de superar obstáculos e superar a situação sentida como sendo stressante. Implementa estratégias de identidade e mecanismos de defesa específicos a fim de reagir a pressões internas e externas, que são fontes de stress. Na tentativa de se adaptar às pressões internas, o sujeito mobiliza *mecanismos de defesa* inconscientes cuja função é canalizar e gerir o stress experimentado. Ao

ter em conta os dados da realidade e ao estabelecer processos de transformação (assimilação/acomodação), o sujeito adapta-se à situação, reduzindo ou eliminando tudo o que provoca ansiedade. De uma forma construtiva, o tema tende a concentrar-se na resolução do problema experimentado como stressante, com vista à sua superação. Num modo mais defensivo, utiliza processos de sublimação, que reflectem uma defesa demasiado adaptada, permitindo que processos socialmente aceitáveis sejam postos em jogo.

Muitos estudos propuseram modelos para as reacções e estratégias dos adolescentes em situações difíceis (abuso, deficiência, doença, etc.): ou o sujeito implementa estratégias de resposta face ao stress (Lazarus, 1966; Lazarus e Folkman, 1980) ou adopta comportamentos protectores e resilientes (Rutter e Garmesy, 1983; Garmesy, 1996) através da implementação de mecanismos de defesa psicológica. Desenvolve-se assim um processo de reacção aos riscos através da protecção.

Cópia e resiliência

A teoria da sobrevivência baseia-se (Lazarus, 1966) na hipótese de uma transacção que tem lugar entre o sujeito e o ambiente no contexto de uma situação que envolve eventos geradores de stress no sujeito. O sujeito terá de reagir tanto aos factores de stress como de gerir o seu próprio stress.

A coping é um factor estabilizador que permite ao sujeito manter a adaptação psicossocial durante os períodos de stress. O sujeito modifica constantemente o seu ambiente para encontrar condições compatíveis com os seus desejos e possibilidades. A adaptação bem sucedida à situação depende, em parte, da capacidade dos indivíduos de abandonarem as suas estratégias habituais de sobrevivência que se tornaram ineficazes ou irrelevantes e da sua capacidade de desenvolver novas estratégias de sobrevivência (Mages e Mendelsohn, 1979).

A resposta "coping" também dependerá da experiência passada do sujeito, aprendizagem, competências, memorização de fracassos e sucessos, auto-avaliação e resposta à procura (Rivolier, 1989, 93). A competência implica que o sujeito é capaz de se adaptar, adquirindo capacidade e flexibilidade para desenvolver novas estratégias que exijam criatividade e rapidez na implementação de actividades mentais e comportamentos motores e sociais.

De facto, segundo Lazarus, "o faire-face pode ser visto como uma forma de resolução de problemas em que o que está em jogo é o bem-estar da pessoa ... e refere-se especificamente à relação com a situação de procura que é vivida como produtor de stress" (em Rivolier, 1989, 93). "A avaliação subjectiva da situação (o significado que o sujeito dá à situação) determinará porquê e em que medida a relação que a pessoa estabeleceu com o ambiente se tornou stressante" (Esparbès-Pistre, Sordes-Ader e Tap, 1996, p. 265). Estes autores destacaram as seguintes estratégias adaptativas: controlo, apoio social, retirada, recusa. A cópia não é apenas um processo adaptativo, mas também uma estratégia de personalização.

A teoria da *resiliência* (Rutter & Garmesy, 1983) foi desenvolvida para compreender como o sujeito consegue resistir em situações consideradas muito brutais, difíceis e/ou conflituosas: conflitos familiares (Shaw & Vondra, 1993; Legrand-Sébille, 1997), guerra (Baddoura, 1998), abandono (Fonagy & al. 1991), vida em campos de concentração (Moskovitz, 1983), situações de adversidade crónica a longo prazo (doença, deficiências, etc.). Esta teoria é "baseada num aspecto psicobiológico do indivíduo, na sua robustez, na sua capacidade de resistir "em qualquer circunstância", a sua *resistência* implicando uma capacidade de compromisso, desafio e controlo (Kobasa et al., 1982) em situações de risco, mas também uma "competência" para suportar sofrimento, sob o olhar ou não dos outros" (Tap e Vinay, 1999). O comportamento de resiliência foi definido como "comportamento adaptativo positivo" (Garmesy, 1996). O sujeito faz o melhor uso das modalidades de protecção já experimentadas desde a infância para se defender dos riscos e para continuar a funcionar apesar dos factores de stress. A resiliência desenvolve-se e aprende-se em todas as idades (Rutter & Madge, 1976).

A resiliência envolve múltiplos mecanismos de sobrevivência, em parte relacionados com a "resiliência" de uma sociedade, e em parte relacionados com a "resiliência" do seu povo.

Ao contrário do coping, que está associado a eventos específicos (preocupações diárias ou grandes eventos), o coping não está associado ao "fundo genético" de uma criança (Rutter, 1998) e relaciona-se com situações duradouras e repetitivas. Quando uma situação apresenta riscos, os mecanismos de resiliência são activados tomando a iniciativa, permitindo ao indivíduo sentir uma sensação de eficiência e controlo sobre a sua vida face ao desenrolar dos acontecimentos. Contudo, a iniciativa refere-se à assunção de riscos, o que é considerado positivo se o objectivo for o de ter sucesso. Este modo de funcionamento pode ser devastador, especialmente durante a adolescência, quando o sujeito nem sempre mede a amplitude total e as consequências das suas acções.

A fim de interagir com o ambiente, o sujeito utiliza as mediações necessárias à sua disposição: nomeadamente, a sua capacidade de suportar, resistir, ser resistente, fazer o esforço essencial e experimentar o sofrimento. Na resiliência, o indivíduo desenvolve mecanismos de protecção que reduzem o impacto do risco ao afectar o próprio risco ou ao modificar o facto de estar exposto ou de estar exposto ao risco. A protecção reside na forma como se lida com a mudança (Rutter, 1990).

Assim, o enfrentamento permite trabalhar o stress e os factores de stress imediatos e efectuar uma gestão emocional e funcional, mas não muito sustentável, na situação actual. A resiliência, por outro lado, influencia a forma como se reage a um stress muito elevado, constante e duradouro. Permite ao sujeito trabalhar sobre os seus próprios limites face a situações stressantes.

Capítulo 8

Personalização, socialização e temporalidade

Da personalidade à pessoa

Em psicologia, a personalidade é evocada em termos de sistemas organizados e estruturados compostos por elementos estáveis e individualizados.

Assim, apesar da diversidade de situações, os indivíduos teriam características específicas que exigiriam uma certa coerência entre elas, para assegurar a estabilidade de conduta.

A personalidade pode ser evocada de facto como um sistema instituído que teria as suas regras, os seus regulamentos, implicando a noção de rotina, "habitus". Corresponderia a formas de ser e de comportamento. É "uma função de coordenação e hierarquização do comportamento de acordo com as exigências da acção e das relações interpessoais e sociais" (Tap, 1979, p.10).

No entanto, não é inata e é construída ao longo da existência de um indivíduo a partir das suas relações com outros (Nuttin, 1965) e de pressões externas e internas sobre o assunto que podem, a qualquer momento, pôr em causa a sua forma de fazer as coisas.

Assim, é nestas situações mais ou menos difíceis, especialmente durante o período da adolescência que é uma fase privilegiada de convulsões, que o sujeito terá de surpreender a si próprio ou aos outros, tomando decisões que não são habituais para ele.

A transição desta estrutura alienada para uma estrutura de personalidade mais autónoma é o resultado do processo de personalização (Tap, 1988).

De acordo com Malrieu, a personalização envolve a criação de obras. Isto permite ao homem defender-se e superar as condições que o alienam (1978, 1979). "É no acto de se defender para não se perder que se chega ao que pode parecer ser o cume da realização humana" (Malrieu, 2003, 14).

A personalização implica assim questionar os estilos estabelecidos e reacender uma tensão de auto-realização através da articulação cooperativa de missões estratégicas. Para se desenvolver, adaptar, ajustar, orientar, defender-se, tendo em conta as suas âncoras de identidade, as suas raízes, o sujeito põe em prática um conjunto de estratégias, cada uma das quais emerge e se desenvolve em estreita relação com as outras.

Referindo-se ao trabalho de Tap (1988) e Esparbès, Sordes-Ader e Tap (1996), as estratégias individuais ou colectivas mais ilustrativas deste processo de personalização são quatro em número:

- *As estratégias de identidade têm* a função de manter uma continuidade do eu ao longo do tempo, e tentar reforçar a auto-estima e bem-estar do sujeito através da legitimação das suas acções e da ancoragem do sujeito num tempo pessoal, familiar ou cultural. De acordo com o processo de **identificação** subjacente a estas estratégias, o sujeito construirá a sua identidade, integrando a mudança na continuidade.

A identidade é "o processo pelo qual o sujeito (ou grupo) tende a gerir o paradoxo entre a continuidade do seu ser (identidade) e a observação ou necessidade de autotransformação, de acordo com o significado dado às situações, comportamento social, projectos e processos adaptativos (gestão do stress)" (Tap, 1999). Permite ao sujeito "tranquilizar-se" constantemente, fazer uma auto-imagem em mudança, uma posição social instável, projectos variáveis e reacções adaptativas parecerem ou tornarem-se de facto invariantes. "A identidade implica a implementação de estratégias de identidade graças às quais a pessoa se constrói em acção (numa relação de satisfação/dessatisfação, um sentimento de valor pessoal articulando ser e tornar-se) através de múltiplas defesas e lembretes" (op.cit.).

- *As estratégias de integração social, posicionamento e compromissos sociais* assentam em múltiplas práticas e necessidades sociais. Estes incluem estilos de apego, modos de apropriação do estatuto social, papéis e personagens, ou seja, socialização ligada à iniciação, inserção e integração. Estas estratégias são orientadas pelos modos de influência dos factores culturais e sociais, pela identificação com papéis e modelos sociais, pela adopção de atitudes de acordo com as expectativas das pessoas privilegiadas e significativas para o sujeito. Visam o desenvolvimento do eu através da interacção entre o organismo e os eventos de estímulo (principalmente pessoas).

- *A antecipação, a previsão e as estratégias do projecto* implicam a definição de um objectivo a atingir, em função dos obstáculos e dos recursos internos ou externos. A abordagem do projecto ocorre em ambientes complexos, em resposta a uma situação problemática, a um conflito a ser superado, e à necessidade de uma decisão a ser tomada. O projecto destina-se a gerir a indeterminação desta situação. Surgirá de uma fina análise da situação, que visa recolher informações e identificar as oportunidades e constrangimentos existentes (Oubrayrie 1992). As estratégias de projecto devem ser entendidas como uma resposta a uma situação específica feita de constrangimentos, oportunidades e disponibilidades. "A estratégia (do projecto) visa transformar a situação inicial na direcção dos objectivos desejados. Para o fazer, deve ter em conta os obstáculos percebidos, o custo de contornar ou ultrapassar esses obstáculos" (Boutinet 1990, p.232).

"Todas as estratégias do projecto implicam uma representação da situação vivida e o desejo de a reorganizar, de se transformar, de se preparar para o futuro. Confrontado com situações conflituosas e críticas, onde o sujeito já não se pode projectar no futuro, antecipar, prever, inventar, o projecto terá a função de reajustar, re-harmonizar, restaurar capacidades, através de estratégias de

superação do problema. O sujeito é levado a controlar a situação e a controlar-se a si próprio para lidar com ela" (Esparbès-Pistre, Sordes-Ader, e Tap, 1996, p.261).

- *Estratégias de enfrentamento (enfrentamento)* com stress envolvem a capacidade de reagir a dificuldades imediatas ou futuras, de se adaptar a situações difíceis ou novas. Para que o stress ocorra, a procura deve ser entendida como uma ameaça e o sujeito deve sentir que não tem os meios para lidar com ela.

A fim de ultrapassar o conflito relacionado com a situação percebida como estressante pelo sujeito, ele ou ela se envolve em estratégias para se adaptar à nova situação ou para se defender contra qualquer porção ou subjugação. Estas *estratégias para lidar* com situações difíceis incluem a gestão do stress (através da implementação de estratégias de lidar com o stress) e a gestão do risco através da existência de processos "resistentes à excitação" (resistência e defesa) ou métodos de protecção contra as suas consequências negativas (resiliência) (Tap and Vinay, 1999).

O que torna possível articular estas várias estratégias "é o significado que o sujeito dá à situação, ao contexto em que se encontra, à relação entre a sua própria história e as suas aspirações". Este significado não pode ser reduzido a elementos de compreensão e significado. Inclui a forma como o sujeito aplica a sua hierarquia de valores às necessidades de acção, mas também a forma como eventualmente transforma esta hierarquia, dependendo dos efeitos da adaptação no seu próprio desenvolvimento" (Tap, 1999).

Assim, a pessoa não é uma "estrutura submissa, passiva e imóvel condicionada". A sua característica essencial é o compromisso, é o acto, a realização e é vivida num horizonte temporal. A pessoa é inseparável de um presente, é um actor sujeito que faz escolhas, tem iniciativas, mas é também um passado, uma história, estratégias de enraizamento e continuidade de identidade, é também a organização de novas temporalidades, a organização e realização de possibilidades. A pessoa deve ser entendida como uma tentativa de unificar ser e agir, poder e significado" (Tap, 1991, p. 54).

O estudo do desenvolvimento da pessoa implica, portanto, considerar a pessoa na totalidade do seu ser, na sua totalidade. A concepção rogeriana evoca o facto de se concentrar na pessoa e considerar este desenvolvimento como plenamente funcional e auto-actualizado. Através da implementação de novas estratégias de personalização no decurso do seu desenvolvimento, o sujeito "actualiza" a estrutura da sua personalidade, de acordo com as situações e desafios que experimenta, mas ao mesmo tempo assegura a realização da sua pessoa.

Dinâmica pessoal e gestão do tempo

As dinâmicas pessoais e a gestão do tempo baseiam-se na construção da identidade em conjunto com o desenvolvimento do projecto. A construção da identidade pessoal como subestrutura da personalidade é fundamental para o desenvolvimento da pessoa. Permite dar sentido ao sujeito, ao seu percurso de

vida. Pode ser definido como *um sistema de representações e sentimentos de e sobre si próprio* (Tap, 1991).

Na procura de uma identidade pessoal, o sujeito está em busca de significado e significado. Ele tenta situar-se em relação a sistemas de significado existentes fora dele (cultura, ideologia, moral, crenças). Ele também está em busca de poder e influência, controlando a situação e o que lhe acontece. A sua busca de autonomia é feita através de esforços para dar a si próprio as suas próprias normas, os seus próprios limites internos ou externos, evitando demasiada dependência dos outros e das instituições. Finalmente, procura uma hierarquia de valores que lhe permita estabelecer legitimidade na sua relação com aqueles que defendem ou promovem valores semelhantes. As suas várias buscas de identidade fazem parte de uma relação com o tempo e, portanto, elevam a importância da relação para o passado, presente e futuro, particularmente durante a adolescência. Desta forma, desenvolve-se no tempo uma autoconsciência, uma inscrição do eu na temporalidade que é sempre gerida no presente.

A identidade do sujeito adquire significado em relação às experiências e âncoras do passado, actualiza-se no presente através da auto-afirmação e da valorização social dos actos, e por fim, constrói-se (ou renova-se) através de projectos no futuro, reflectindo um esforço de antecipação por parte do sujeito e um desejo de reavivar a identidade de acordo com motivações profundas. É portanto *o aqui e agora que* faz sentido em relação ao passado e ao futuro. Do mesmo modo, é a integração social e psicológica do sujeito que está em jogo, através da ancoragem no passado e de projectos no futuro.

Mais especificamente, o projecto envolve uma tensão de auto-realização por parte do sujeito. Através da subordinação dos meios aos fins, visados pelo sujeito no estabelecimento dos seus projectos, estes últimos devem fazer esforços que sejam acompanhados de prazer e/ou sofrimento na sua realização. Os projectos, tanto individuais como colectivos, evoluem em relação aos dados e requisitos sociais. De acordo com Malrieu (1973), são desenvolvidos através de conflitos que podem ser identificados nas relações interpessoais. A superação destes conflitos passa assim por uma fase de objectivação das relações interpessoais e pela determinação de objectivos e comportamentos críticos em relação a situações, identificações pessoais e sociais e modelos de valores anteriores.

A este respeito, o projecto está no cerne do desenvolvimento e adaptação pessoal. Vários projectos são criados ao longo da vida, particularmente durante a adolescência. O projecto profissional, entre outros, tem a particularidade de promover a integração social necessária para estabelecer a identidade pessoal do adolescente (Rodriguez-Tomé & Bariaud, 1987; Dubet, 1973; Boutinet, 1990; Guichard & Huteau, 1997). O desenvolvimento de um projecto de vida permite que o sujeito se situe no tempo e na sociedade. O projecto sentimental e familiar responde a um ideal de si mesmo no futuro através da procura de uma alma gémea e da constituição de uma família (Rodriguez-Tomé & Bariaud, 1987). A história

e as experiências emocionais do sujeito são então todos os factores que entram em jogo no desenvolvimento do projecto.

O projecto, como um processo de personalização, é um esforço para se libertar através da acção e interacção. É também uma fonte de socialização do sujeito, na medida em que requer referência a modelos sociais e identificação com esses modelos. O projecto facilita a auto-realização através da filiação em grupo, criação produtiva e participação em actividades colectivas (Tap e Oubrayrie, 1993).

O projecto pode tornar-se um verdadeiro processo de adaptação em determinadas situações. Por exemplo, face à doença, alguns adolescentes utilizam esta estratégia como um meio de lidar com a situação actual (Seiffge-Krenke, 1993). Em geral, na ausência de um auto-projecto, o sujeito está em sofrimento. Poderão então retirar-se para o passado (nostalgia, luto impossível) em vez de olharem para o futuro; será difícil para eles lidar com as necessidades de integração social e adaptação às dificuldades da vida quotidiana.

Assim, através da implementação de projectos (familiares, sociais, profissionais...), a pessoa pode adaptar-se a novas situações mas também integrar-se socialmente.

A pessoa e a sua integração social

No decurso do seu desenvolvimento, o sujeito faz múltiplos avanços que envolvem os processos de personalização e socialização. Se o sujeito é confrontado com a necessidade de assumir um papel e de estabelecer uma posição social, ele ou ela também procura realizar-se a si próprio como pessoa. O processo de socialização é levado a cabo sob a pressão de grupos e instituições cujo objectivo é a sua sobrevivência ou a sua própria promoção, por vezes em detrimento da auto-realização da pessoa. O desenvolvimento da pessoa envolve assim o processo de socialização que é alcançado através de uma dupla integração: integração social e integração psíquica.

A integração social refere-se à implementação de três processos que permitem ao sujeito entrar em relações e redes sociais: *iniciação* (aprendizagem dos códigos do sistema), *inserção* (registo posicional no mesmo sistema), e *integração propriamente dita* (a articulação cooperativa de diferenças e semelhanças com outros membros do sistema).

A integração psicológica dos dados sociais consiste em "trazer características e exigências sociais e culturais para dentro de si próprio". Estão também envolvidos três processos: identificação, refere-se à capacidade de identificar os actores sociais e de se identificar com eles, depois vem a internalização e apropriação das suas características.

Neste duplo jogo de integração, a pessoa deve adoptar posições sociais específicas para os diferentes papéis que assume (papel profissional, papel parental, etc.....). Desta forma, a própria personalidade do sujeito será expressa através de uma pluralidade de papéis diversos e complementares. As posições tomadas pelo

sujeito serão expressas através de atitudes para com os outros e as situações que o sujeito percebe. Em referência a Maisonneuve (1973), o personagem constituiria um compromisso entre a espontaneidade do sujeito (impulsos e aspirações) e as exigências sociais; tem uma função de assegurar e valorizar. Quatro personagens são assim distinguidos: a personagem como um papel estereotipado (o *dever de ser*), de acordo com as expectativas do modelo, a personagem como uma máscara (a *aparência*), que se refere a um compromisso mais ou menos lúcido, com intenções oportunistas e manipuladoras, a personagem como um *refúgio* (ou como um *álibi*), associada à tomada de papéis protectores ou mesmo mágicos, e finalmente a personagem como um ideal pessoal (a *vontade de ser*), que se refere à expressão do eu mais profundo.

Através destes diferentes papéis, a pessoa tende a adaptar-se à situação. As estratégias que os sujeitos utilizam "consistem em encontrar uma solução real (mais ou menos relevante) para o conflito reconhecido, modificando a relação dos papéis desempenhados" (Maisonneuve, 1973, 105).

A articulação destes diferentes papéis e a resolução de conflitos continuam a ser uma questão psicológica importante para assegurar o desenvolvimento do indivíduo e para se adaptar com sucesso a uma sociedade em constante mudança.

Conclusão prospectiva (Pierre Tap)

Parte deste trabalho tinha sido publicado por nós os dois na revista portuguesa "*Pessoa como Centro*". *Revista de estudos rogerianos*" sob o título "*Personalização e dinâmica relacional*" (Lisboa 1999-4, pp. 41-84). Mas desde então revimos e completámos o nosso conceito e tivemos a oportunidade de aplicar as estratégias de personalização às diferentes fases da vida: daquilo a que se chama a "crise dos dois-três anos", que começa hoje mais cedo, cerca de 18 meses! (Tap, 2017) à reforma e ao fim da vida (Tap, 2011, 2013, 2018), através da crise da adolescência e das diferentes fases da vida adulta, tal como proposto por Erik Erikson (1972, 1974).

Por exemplo, no livro "*Questions d'éducation familiale*" propusemos conjuntamente a teoria da "dinâmica transaccional" nas relações de poder entre adolescentes e pais em relação à "análise crítica do *empoderamento*" (Tap e Oubrayrie Roussel, 2004, pp. 27-52). Assumimos que a aquisição de poder pelo adolescente é construída progressivamente pela implementação, durante a interacção pai-adolescente, de procedimentos e processos educativos e psicológicos que contribuem para o desenvolvimento das competências do sujeito. O modelo de estratégias de personalização (identidade, posicionamento social, gestão do stress ou coping, e projecto) pode estar relacionado com as noções de negociação, empowerment e empowerment utilizadas noutras ciências. "As estratégias do projecto, em particular, permitem libertar-se de uma situação problemática, encontrar uma brecha, uma abertura, uma falha, dar sentido a um itinerário, gerir conflitos por antecipação ou esperança de mudança (real ou imaginária). Confrontado com um projecto frustrado, o sujeito pode utilizar múltiplas estratégias (Safont, Leonardis & Oubrayrie, 1994, Tap and Oubrayrie, 1993): podem ser "autónomos" ou "heterónomos" ou "reaccionários", ou contra-dependentes..." (Tap e Oubrayrie-Roussel, 2004, p.33).

Propus também diferenciar entre o desenvolvimento da pessoa (personalização) e a *identização*. **A identização** é o processo de construção, desenvolvimento, evolução das representações ligadas às identidades (identidade individual e colectiva), tais como género e sexo, idades, profissões, culturas, etc., que são o resultado do próprio desenvolvimento pessoal de uma pessoa.). A identidade, etimologicamente falando, centra-se sobretudo no "mesmo", na permanência, estabilidade ou equilíbrio das representações (do eu, de nós). *A identidade, por outro lado, introduz a hipótese de uma dinâmica paradoxal entre dois ou mais processos susceptíveis de harmonização ou conflito (crise de identidade)*. Implica portanto um esforço constante de diferenciação, afirmação e valorização dos comportamentos e práticas, em relação aos outros (autopromoção), bem como a construção de uma interioridade, uma subjectivação, uma tendência para dar sentido e valor a si próprio, à sua própria vida,

crenças, compromissos e projectos (auto-identificação). Por conseguinte, é particularmente importante não confundir identificações com identificações, mas tentar compreender como elas se opõem, harmonizam ou coexistem em paralelo".

No editorial de 2019 do meu site oficial (www.pierretap.com) ⁴¹eu disse: "Propus chamar à 'identização' o to-and-fro entre a identidade e o projecto de mudança (individual ou colectivo). No meu último capítulo publicado "Sofrimento, trauma, coping e resiliência na vida" (2018) evoco o mito da ilha Vanuatu "*a árvore e o caviar*" analisado por Joël Demaison na sua tese (1985): Cada homem está dividido entre duas necessidades contraditórias e no entanto importantes: - a necessidade da piroga, isto é, movimento, viagem, *retirada de si próprio, da sua comunidade*, e - a necessidade da árvore, isto é, enraizamento na sua identidade, *apego à sua comunidade*. Os homens vagueiam constantemente entre estas duas necessidades, por vezes cedendo a uma, por vezes à outra, *até ao dia em que compreendem que é com a árvore que a piroga é feita* (gostaria de acrescentar aqui, contudo, que a piroga também pode fazer um movimento para salvar a árvore de desaparecer!)

Esta metáfora também se aplica bem ao conceito a que propus chamar "identização", a construção harmoniosa ou conflituosa da ligação primária e o projecto do self (articulado a projectos colectivos). Espero, claro, que outros aceitem este conceito... com metáforas.

Passamos o "bastão" a eles!

⁴¹ O meu site www.pierretap.com foi bloqueado (12 de Janeiro de 2021) pela Adobe por razões técnicas (a utilização do Adobe Flash Player tornou-se obsoleta). Michel Tap, o meu filho mais velho e webmaster do site, esperançosamente encontrará uma solução para este bloqueio!

Postface

Bibliografia :

- Baddoura, C.F. (1998). Traverser la guerre. In B. Cyrulnik (Ed.). *Ces enfants qui tiennent le coup*. Revigny sur Ornain : Hommes et Perspectives, 73-89.
- Baumrind, D. (1971). Current patterns of parental authority. *Development psychology monographs*, 1 (part 2), 1-103.
- Bettelheim, B. (1976) *Surviving and others essays*. New-York, Knopf (tr. Fr. 1979, *Survivre*, Paris : Laffont
- Bergson, H. (1896). *Essai sur les données immédiates de la conscience*. Paris: P.U.F. éd.1961.
- Boutinet, J.P. (1990). *Anthropologie du projet*. Paris: P.U.F.
- Brehm S.S. (1984) Les relations intimes in Moscovici S. (ed) *La Psychologie sociale*, Paris : P.U.F.
- Cazals, M-P., (1995). *Transformations des activités individuelles et évolutions de la vulnérabilité psychologique de jeunes en situation précaires : approche transversale et longitudinale*. Thèse de doctorat Nouveau Régime, Université Toulouse II.
- Chertok, L. (1995). Hypnose. In *Encyclopaedia Universalis*, n°4, 483 c.
- Corraze, J. (1995) Personnalité. In *Encyclopaedia Universalis*, n°17, 920c
- Crozier, M. & Friedberg E. (1977) *L'acteur et le système*. Paris : Seuil.
- Demaison, J. *Les fondements d'une identité. Territoire, histoire et société dans l'Archipel de Vanuatu (Mélanésie) Essai de géographie culturelle ; Tome 1 (1986) L'arbre et la pirogue. p. 518.*
- De Vos, G.A. (1980) L'identité ethnique et le statut de minorité in P. Tap (éd.) *Identités collectives et changements sociaux*, (27-38), Toulouse: Privat
- Dubet, F. (1973). Pour une définition des modes d'adaptation sociale des jeunes à travers la notion de projet. *Revue Française de Sociologie*. XIV, 221-241.
- Démocrite, d'A. *Doctrines et réflexions morales*, Paris : Solovine, 1928
- De Singly, F. (1996) La fabrique familiale de soi in *Sciences Humaines*, n° spécial *Identité, Identités : l'individu, le groupe, la société*, 15, 18-21.
- Dumezil, G. (1958). *L'Idéologie tri-partite des Indo-Européens*. Paris : N.R.F.
- Erikson, E. (1972) *Adolescence et crise, La quête de l'identité*. Paris : Flammarion
- Erikson, E. (1974) *Enfance et Société* (5° éd) Neuchâtel, Delachaux et Niestlé.
- Esparbès-Pistre, S., Sordes-Ader, F. & Tap, P. (1996). Stratégies de personnalisation et appropriation de compétences à l'adolescence : différences entre garçons et filles. In O. Lescarret & M. De Léonardis (Eds), *Séparation des sexes et compétences*. Paris : L'Harmattan. 247-277.
- Festinger, L. (1957) *A theory of cognition dissonance*, Evanston : Row Peterson.
- Fonagy, P., Steele, H. & Steele, M. (1991). Maternal representations of attachment during pregnancy predict the organization of infant-mother attachment at one year of age. *Child Development*, n°62, pp.891-905.
- Garmesy, N. (1996). Reflections and commentary on risk, resilience, and development. In R.J. Haggerty, L.R. Sherrod, N. Garmezy & M. Rutter *Stress*,

risk and resilience in children and adolescents, Processes, Mechanisms and interventions. Cambridge : Cambridge University Press.

Guichard, J. & Huteau, M. (1997). L'école et les intentions professionnelles des adolescents. In H. Rodriguez-Tomé, S. Jackson & F. Bariaud (Eds), *Regards actuels sur l'adolescence.* Paris : P.U.F., 207-234.

Gurvitch, G. (1966). *Etudes sur les classes sociales.* Paris : Denoël.

Heidegger, M. (1927) *Zeit und Sein.* Tr.fr. (1986) *L'être et le temps,* Paris : Gallimard.

Janet, P. (1929) *L'évolution psychologique de la personnalité.* Paris : Maloine.

Jaspers, K. (1950) *Einführung in die Philosophie.* Tr. Fr. *Introduction à la philosophie.* Paris : Plon.

Kaës, R. (1991) rubrique « groupe interne » in R. Doron & F. Parot *Dictionnaire de Psychologie,* Paris : P.U.F.

Kellerhals, J. & Montandon, C. (1991). *Les stratégies éducatives des familles.* Paris, Neuchâtel : Delachaux et Niestlé.

Kierkegaard, S. (1970). *Œuvres complètes,* Tome IV, trad. P.-H. Tisseau et E.-M. Jacquet-Tisseau, Editions de l'Orante.

Kobasa, S.C., Maddi, S.R. & Kahn, S. (1982). Hardiness and health : a prospective study. *Journal of personality and social psychology,* 42, 168-177.

Lautrey, J. (1980) *Classe sociale, milieu familial, intelligence,* Paris : P.U.F.

Lazarus, R.S. (1966). *Psychological stress and the coping process.* New York : McGraw-Hill.

Lazarus, R.S., Kanner, A.D. & Folkman, S. (1980). Emotions : a cognitive-phenomenological analysis. In R.

Lazarus, R.S. (1991). *Emotion and adaptation.* New York : Oxford University Press.

Légrand-Sébille, C. (1997). Réflexions anthropologiques sur la grande pauvreté. *Devenir,* 4, 4 : 49-68.

Lewin, K. & al. (1939). Patterns of aggressive behavior in experimentally created «social climates ». *Journal of Social Psychology,* 271-299.

Maccoby, E.E. & Martin, J.A. (1983). Socialization in the context of the family : Parent-Child Interaction. In Mussen, P.H. (Ed). *Handbook of Child Psychology,* 4^e Edition. Hetherington, M.A. (Ed.). Socialization, Personality, and Social Development. (Pp. 1-101) New York : John Wiley Sons.

Maisonneuve, J. (1973). *Introduction à la psychosociologie.* Paris : P.U.F., Le Psychologue.

Maisonneuve, J. (1995) *Sociométrie,* Encyclopaedia Universalis, n°20, 230c

Mages, N.L. & Mendelson, G.A. (1979). Effects of cancer on patients' lives : a personological approach. In G.C., Stone, F., Cohen & N.E. Adler (Eds.), *Health psychology : a handbook.* San Francisco : Jossey-Bass.

Malrieu, P. (1967). *Les émotions et la personnalité de l'enfant.* Paris : Vrin

- Malrieu, Ph. & al. (1969). Education familiale et comportements scolaires. *Annales de l'Université de Toulouse Le Mirail, Homo VIII*, t. V, 4, 47-69.
- Malrieu, Ph. (1973). La socialisation. In H. Gratiot-Alphandéry & R. Zazzo *Traité de psychologie de l'enfant*. Tome 5. La formation de la personnalité. Paris : P.U.F.
- Malrieu, Ph. (1978) Psychologies génétiques, psychologies historiques. *Journal de psychologie normale et pathologique*, 3, 261-277.
- Malrieu, Ph. (1979) La crise de personnalisation. Ses sources et ses conséquences sociales. *Psychologie et Education*, 3(3), 1-18.
- Malrieu, Ph. (2003) *La construction du sens dans les dires autobiographiques* Toulouse, Erès
- Marcel, G. (1968) *L'être et l'avoir*, Paris : Montaigne
- Marcel, G. (1940) *Du refus à l'invocation*. Paris : Gallimard
- Maslow, A. (1954) *Motivation and Personality*. New-York : Harper & Row
- Mead, G.H. (1934). *Mind, self and society. From the stand point of a social psychology*. Chicago : The University of Chicago Press. Tr.fr. 1963, L'esprit, le soi et la société, Paris : P.U.F.
- Marty, P., De M'Uzan, M. & David, C. (1963). *L'investigation psychosomatique*. Paris : P.U.F.
- Mazet, P. et Houzel, D. (1975). *Psychiatrie de l'enfant et de l'adolescent*. Paris : Maloine.
- Moreno, J.L. *Les fondements de la sociométrie*, 1954, Paris : P.U.F.
- Moskovitz, S. (1983). *Love despite hate*. New York : Schocken Books.
- Mouloud, N. (1995). Intuition. In *Encyclopédie Universalis*, n°12, 524 C.
- Mounier, E. (1936) in 1961, I, p.528
- Mounier, E. (1946a). *Traité du caractère*. In *Oeuvres*. Paris: Seuil, Tome II, Réed. (1961) p. 69.
- Mounier, E. (1947) *Introduction aux existentialismes*, Paris : Montaigne.
- Mounier, E. (1949). *Le personnalisme*. Paris : P.U.F.
- Mounier, E. (1961) *Oeuvres*. Paris : Seuil
- Nuttin, J.R. (1967). Adaptation et motivation humaine. In Bresson & al., (Eds.), *Les processus d'adaptation*, pp. 127-138, Symposium de l'A.P.S.F.L., Marseille, 1965, Paris : P.U.F.
- Oubrayrie, N. (1992). *Le contrôle dans l'évaluation et l'orientation de soi de l'enfance à l'adolescence*. Thèse de Doctorat Nouveau Régime, Université Toulouse II.
- Pedinielli, J-L. (1992). *Psychosomatique et alexithymie*. Paris : P.U.F.
- Piaget, J. (1954). Les relations entre l'intelligence et l'affectivité dans le développement de l'enfant. In B.
- Pichot, P. (1987). *L'anxiété*. Paris : Masson.
- Rimé et K. Scherer (Eds.), (1989). *Les émotions*. Neuchâtel : Delachaux et Niestlé. pp.75-96

- Rivolier, J. (1989). *L'homme stressé*. Paris : P.U.F.
- Rodriguez-Tomé, H. & Bariaud, F. (1987). *Les perspectives temporelles à l'adolescence*. Neuchâtel : Delachaux et Niestlé.
- Rogers, C. (1968). *Le développement de la personne*. Paris : Dunod.
- Rogers, C. (1984). Le développement de la personne. Entretien avec Carl Rogers. In *Journal des psychologues*, n°23, 10-12.
- Roustang, E. (1980) *Elle ne le lâche plus*. Paris : Minuit
- Rutter, M. & Madge, N. (1976). *Cycles of disadvantage*. London : Heinemann educational Books.
- Rutter, M., & Garmesy, N., (1983) Developmental psychopathology in E.M., Hetherington (Ed) P.H., Mussen (series ed.) *Handbook of child psychology. Vol. 4 : socialization, personality and social development* (New-York : Wiley, 775-911.
- Rousseau, J-J. (1762) *Emile ou de l'Education*. cf. *Œuvres complètes*, La Pléiade, Tome IV ; Paris : N.R. F.
- Rutter, M. (1990) Psychosocial resilience and predictive mechanisms. In J. Rolf, A.S. Masten, D. Cicchetti, V. Carlson & al. *Risks and protective factors in the development of psychopathology* (Pp. 79-101). New-York : Cambridge University Press.
- Rutter, M. (1998). Epidemiological approaches to developmental psychopathology. *Archives of General Psychiatry*. 45.
- Safont, C., de Leonardis, M. & Oubrayrie, N. (1994) Les stratégies de projet à l'adolescence : présentation d'une technique et son opérationnalisation. *Revue Psychologie et Education* n° 16, pp.49-62
- Sartre, J-P. (1943). *L'être et le néant*. Paris : Gallimard. coll. Tel. éd. 1976.
- Schaefer, E.S. (1959). Maternal behavior and child behavior and their correlations from infancy through adolescence. *Monographs of the Society for Research in Child Development*.
- Scheler, M. (1928). *Nature et formes de la sympathie*. Paris : Payot.
- Selye, H. (1956). *The stress of life*, McGraw-Hill. Trad. de la 2^o éd ; mise à jour : *Le stress de la vie*, Paris : Gallimard, 1975, 425 p.
- Sifnéos, P.E. (1973). « The prevalence of <alexithymic> characteristics psychosomatic patients », In *Psychoter. Psychosomatic*, 22, 255-262.
- Seiffge-Krenke, I. & Shulman, S. (1993). Stress, coping and relationships in adolescence. In S. Jackson & H. Rodriguez-Tomé (Eds), *Adolescence and its social worlds*. (Pp.169-196). USA : Hove (UK), LEA.
- Shaw, D.S. & Vondra, J.I. (1993) Chronic family adversity and infant attachment. *Journal of child psychology and psychiatry*, 34, 1205-1215
- Sordes-Ader, F. (1996). *Les conséquences psychologiques du cancer : Anxiété, Estime de soi, Projets et stratégies de coping des adolescents*. Thèse de Doctorat Nouveau Régime, Université Toulouse II.

- Sordes-Ader, F., Esparbès-Pistre, S. & Tap, P. (1997). Adaptation et stratégies de coping à l'adolescence : étude différentielle selon le sexe et l'âge. *Spirale, revue de recherches en éducation*, Lille, n°20, 131-154
- Tap, P. (1964) Pour une psychologie personnaliste in *Présence de Mounier* Frères du Monde n° 27, 61-64
- Tap, P. (1979). *Relations interpersonnelles et genèse de l'identité*. Annales UTM, Homo XVIII, 7-43.
- Tap, P. (1986) Personnalisation et intersubjectivité, n° spécial *Intersubjectivités, Connexions*, 47, 149-164
- Tap, P. (1988). *La société Pygmalion. Intégration sociale et réalisation de la personne*. Paris : Dunod. (tr. Port. 1996 *A Sociedade Pigmaliao. Integração Social e Realização da Pessoa*. Lisboa, Instituto Piaget).
- Tap, P. (1991). Socialisation et construction de l'identité personnelle. In H., Malewska-Peyre & P. Tap (Eds.), *La socialisation de l'enfance à l'adolescence*. Paris : P.U.F., 49-73.
- Tap, P. & Oubrayrie, N. (1993). Projets et réalisation de soi à l'adolescence. In S.N.E.S (Eds.), « *Projets d'avenir et Adolescence. Les enjeux personnels et sociaux* ». Paris : ADAPT, 15-43.
- Tap, P. (1997). A propos de la spatialisation du psychique par le regard chez Descartes.
- Tap, P. (1999). Le lien social et la personnalisation dans l'autoformation. In S. Alava (Ed.). *Autoformation et lien social*. Toulouse, EUS
- Tap, P. & Vinay, A. (2000). Dynamique des relations familiales et développement personnel à l'adolescence. in J.P. Pourtois & H. Desmet Parent Educateur pp. 87-157. Paris, PUF.
- Tap, P. & Oubrayrie-Roussel, N. (2004) Dynamique transactionnelle et relations de pouvoir entre adolescents et parents (analyse critique de l'empowerment) in E. Palacio-Quentin, J.M. Bouchard et B. Terrisse *Questions d'éducation familiale* Editions Logique Québec, pp. 27-52
- Tap, P. (2008) Dynamique institutionnelle et stratégies identitaires de l'usager du social in M. Lafourcade et V. Meyer *Les usagers évaluateurs ? Leur place dans l'évaluation des « bonnes pratiques professionnelles »* Conférence au Groupe National des Etablissements et Services Publics Sociaux – GEPSO. Annecy-le-Vieux Sept 2008, pp. 23-40, Ed. Les Etudes Hospitalières ed 2008
- Tap, P. (2011) Corps, affectivité et sexualité avec l'avancée en âge » in Ph. Pitaud *Sexualité, handicap et vieillissement* pp. 75-120 Erès
- Tap, P. (2013) Violences, contrôles, attachement et lâcher-prise en fin de vie in Ph.Pitaud *Vivre vieux, mourir vivant* pp. 149-166 Erès
- Tap, P. (2017) Construction de l'identité et du lien social entre 2 et 3 ans. Affirmation, caprice, agressivité ? in M.P. Thollon-Behar *Accueillir l'enfant entre 2 et 3 ans*, pp. 45-76. Erès

- Tap, P. (2018) Souffrances, traumatismes, coping et résilience dans la vie in Ph. Pitaud *Gérontologie : aux portes de la souffrance* pp. 135-168 Erès
- Tyar, A. (1998). *Les aléas de la confiance*. Paris : L'Harmattan.
- Vandenplas-Holper, Ch. (1979). *Education et développement social de l'enfant*. Paris : P.U.F.
- Van Rillaer, J. (1992). *La gestion de soi*. Liège : Mardaga.
- Wallon, H. (1956) Les étapes de la personnalité de l'enfant, in *Le problème des stades en psychologie*, Paris : P.U.F. repris dans « Buts et méthodes de la psychologie ». *Enfance*, 1963, 1-2, 5-71
- Widlöcher, D. (1995) Psychothérapie. *Encyclopaedia Universalis*, n° 19, 262a
- Winnicott, D. (1965) *The maturational processes and the facilitating environment*. Tr. fr. *Processus de maturation chez l'enfant*. Paris : Payot, 1970
- Winnicott, D. (1971) *Playing and reality*. Tr.fr. *Jeu et réalité*. Paris : Gallimard, 1975.

Tabela de Conteúdos

Prefácio (Pierre Tap) ...

Introdução

Capítulo 1. A pessoa única ou múltipla? Uma palavra sobre a congruência

Congruência interna e auto-consciencialização

Dissonância e alexitímia

A congruência externa como um mapeamento entre si e os outros.....

Capítulo 2. A Intuição Visionária: o olhar

A clarividência

Transparência

Intuição

Capítulo 3.Intuição empática.

Empatia e sociometria

Empatia e intersubjectividade

Empatia e afectividade

Capítulo 4. Aparência e autenticidade e costas.....

A máscara como mascarada, desfile e mediação

Brincar e fazer de conta a construção simbólica da pessoa

De "persona a persona

Capítulo 5. Positividade: confiança e sentido de valor*A confiança comocredo primário.**Da confiança primária à desconfiança: positividade incondicional revisitada*

.....

*A confiança como um contrato sócio-moral: o difícil regresso à "fides"***Capítulo 6. Não directividade, permissividade ou interacção democrática.***Laissez-faire ou permissividade?*

.....

*O calor não-fusional e o controlo não-vinculativo definem a estratégia democrática?**Abertura, convívio, associação e compromisso***Capítulo 7. Enfrentar e gerir o sofrimento: stress, capacidade de reacção e resiliência**

.....

*Ansiedade, ansiedade e stress como um transtorno de sobrevivência ...**Defesa, adaptação e superação**Cópia e resiliência***Capítulo 8. Personalização, socialização e temporalidade**

.....

*Da personalidade à pessoa**Dinâmica pessoal e gestão do tempo**A pessoa e a sua integração social***Conclusão prospectiva** (Pierre Tap)**Bibliografia**

